Opinião Socialista

PSTU

Ano XIV - Edição 397 - Colaboração: R$ 2 - De 25/01 a 09/02/2010 - www.pstu.org.br

SOLIDARIEDADE SIM OCUPAÇÃO MILITAR NÃO

Por que o terremoto causou tantas mortes no Haiti?

Por que a ajuda é insuficiente e não chega aos haitianos?

Especial: estudante presencia o terremoto e denuncia a Minustah

História: da revolução negra às mãos dos EUA e das multinacionais

Editorial e páginas 4 a 9

UM MUNDO SOCIALISTA

FÓRUM SOCIAL MUNDIAL: DIANTE DA CRISE CAPITALISTA, SÓ UM MUNDO SOCIALISTA É POSSÍVEL

Páginas 10 e 11

CHÁVEZ E A PROPOSTA DA V INTERNACIONAL

Páginas 14 e 15

CAROS 1 – Segundo a organização Transparência Brasil, os parlamentares brasileiros são os mais caros do mundo. No Brasil, cada parlamentar custa mais de R$ 10 milhões por ano.

CAROS 2 – Somados todos os deputados federais e senadores, o custo é de R$ 6 bilhões. Não podia ser diferente, diante de tantas regalias.

INVESTIGADOS

O grupo Tortura Nunca Mais organizou no dia 15 de janeiro, no Centro Cultural da Caixa Econômica Federal, no Rio de Janeiro, um ato em homenagem ao militante político Carlos Marighella, e de outros brasileiros que morreram resistindo à ditadura militar. Durante o evento, a gerência do Centro Cultural informou que recebeu um telefonema anônimo sobre uma bomba que teria sido colocada no prédio. O episódio, sem dúvida, foi uma tentativa de intimidar os movimentos que constantemente se manifestam contra as violações dos direitos humanos e tentam mostrar para a sociedade o que foi o terrorismo de Estado implantado pela ditadura.

Marighella assassinado

CHARGE / LATUFF

CONFISSÃO

Uma declaração do cônsul do Haiti no Brasil, George Samuel Antoine, dá a exata medida do que é a classe dominante haitiana. Pensando que não estava sendo gravado pelas câmeras de TV, o cônsul enxergou um "lado bom" da tragédia e ainda soltou uma declaração racista sobre o povo haitiano ao tentar "explicar" as razões do terremoto. "A desgraça de lá está sendo uma boa pra gente aqui, fica conhecido ... Acho que, de tanto mexer com macumba, não sei o que é aquilo... O africano em si tem maldição. Todo lugar que tem africano lá tá fodido", disse o diplomata.

PÉROLA

"Que merda! Dois lixeiros desejando felicidades do alto das suas vassouras"

BORIS CASOY, apresentador da Band, que fez o comentário após uma reportagem com garis que deram mensagens de final de ano. Sem saber que o microfone estava aberto, Boris ainda completou: "Dois lixeiros! O mais baixo da escala do trabalho..." (Jornal da Band 31/12/09)

ISTO É UMA VERGONHA

Boris Casoy foi um integrante do famoso Comando de Caça aos Comunistas (CCC), organização paramilitar de extrema-direita que atuou nos anos 1960. A revelação é do blog Cloaca News, que disponibilizou na íntegra uma reportagem da antiga revista O Cruzeiro, de 9 de novembro de 1968. Nela, o jornalista Pedro Medeiros descreve Boris da seguinte maneira: "Boris Casoy ou Kasoy estuda direito. Locutor da Rádio Eldorado. Conclamou os alunos do Mackenzie a tomar a USP, de cuja invasão participou. Anda armado mas, segundo os colegas, é incapaz de atirar em alguém (...). Acham-no mole com os comunistas".

Batalha da Rua Maria Antônia

IMPUNIDADE

Tentando dar uma feição mais populista ao final de seu último mandato, o governo Lula editou no início do ano o 3º Programa Nacional de Direitos Humanos (PNHD). Pressionado pela direita, militares, Igreja e a imprensa, o governo, porém, recuou no que era o ponto mais importante do programa: a criação de uma comissão da verdade para apurar os crimes da "repressão política" da ditadura militar. Lula então editou um novo decreto que retira a expressão "repressão política". Dessa forma, os torturadores e responsáveis pela repressão de Estado na ditadura deixaram de ser alvo da comissão.

O Brasil é um dos poucos países no continente a não investigar os crimes da ditadura, e o governo do PT vai manter essa vergonhosa situação.

Sempre estarão entre nós

Faleceu no dia 14 de janeiro o companheiro Sinésio Júnior, conhecido carinhosamente como Júnior "Bacana". Ativista de longa data, iniciou sua militância ainda na corrente *Convergência Socialista* nos idos de 1988, em Brasília. Em São Paulo, participou da fundação do PSTU. Militou em diversas categorias, como a dos trabalhadores do Metrô e da CPTM, mas o principal período foi sua atuação na USP e na Fatec, entre 1992 e 1998. Nesse tempo, integrou a Secretaria Nacional de Juventude do PSTU.

Em 2000, Júnior foi morar na Inglaterra. Lá dirigiu mobilizações em defesa dos imigrantes. Retornou ao Brasil em 2006 e foi morar no Ceará. Em 2008, já estava em São José dos Campos (SP), trabalhando no Inpe, quando descobriu estar com um agressivo câncer no cérebro.

Bacana passou por diversas cirurgias e um complicado tratamento, enfrentando a situação com incrível coragem. Certamente contribuiu para isso o nascimento de seu primeiro filho, Ricardinho.

"Bacana" sempre foi um companheiro ativo, alegre, aguerrido e muito inteligente. Desses que irradiam otimismo e simpatia e amam a vida, o mundo e vivem querendo mudá-lo.

Companheiro Júnior, presente!

No dia 26 de dezembro, também nos deixou o companheiro Rodrigo Pimentel. A julgar pelas evidências, o companheiro suicidou-se. Rodrigo foi um quadro político de Passo Fundo, onde militou durante anos. Ingressou no partido ainda no movimento secundarista, quando então cumpriu um destacado papel como dirigente do movimento. Foi candidato a prefeito de Passo Fundo em 2008; foi dirigente do movimento estudantil, no Fora Collor, e depois dos professores. Também trabalhou como auxiliar de mecânico, pedreiro e jornalista.

Rodrigo mudou-se para a região do Vale do Paraíba em 2009, transferindo toda sua capacidade, inteligência e iniciativa a serviço da construção de uma direção revolucionária. Ali, atuava como jornalista no Sindicato dos Metalúrgicos e militava na cidade de Jacareí.

Em suas conversas, Rodrigo costumava falar de Passo Fundo, segundo ele, "a cidade com mais trotkistas por metro quadrado".

Rodrigo, o "Gaúcho", como foi carinhosamente apelidado em São José dos Campos, irá seguramente deixar muita saudade. Foi um combatente do socialismo, a serviço do qual colocou toda sua vida e energia.

Companheiro Rodrigo, presente!

OPINIÃO SOCIALISTA
é uma publicação semanal do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado
CNPJ 73.282.907/0001-64 - Atividade principal 91.92-8-00

CORRESPONDÊNCIA
Rua dos Caciques, 265 - Saúde - São Paulo - SP - CEP 04145-000
Fax: (11) 5581.5776 e-mail: opiniao@pstu.org.br

CONSELHO EDITORIAL Bernardo Cerdeira, Cyro Garcia, Concha Menezes, Dirceu Travesso, João Ricardo Soares, Joaquim Magalhães, José Maria de Almeida, Luiz Carlos Prates "Mancha", Nando Poeta, Paulo Aguena e Valério Arcary **EDITOR** Eduardo Almeida Neto **JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555) **REDAÇÃO** Diego Cruz, Gustavo Sixel, Jeferson Choma, Marisa Carvalho, Wilson H. da Silva **DIAGRAMAÇÃO** Victor Pontes "Bud" **IMPRESSÃO** Gráfica Lance (11) 3856-1356 **ASSINATURAS** (11) 5581-5776 assinaturas@pstu.org.br - www.pstu.org.br/assinaturas

ENDEREÇOS

SEDE NACIONAL

Rua dos Caciques, 265
Saúde - São Paulo (SP)
CEP 04145-000 - (11) 5581-5776

www.pstu.org.br
www.litci.org

pstu@pstu.org.br
opiniao@pstu.org.br
assinaturas@pstu.org.br
sindical@pstu.org.br
juventude@pstu.org.br
lutamulher@pstu.org.br
gayslesb@pstu.org.br
racaeclasse@pstu.org.br

ALAGOAS

MACEIÓ - Rua Dias Cabral, 159. 1° andar - sala 102 - Centro - (82)9903.1709 *maceio@pstu.org.br*

AMAPÁ

MACAPÁ - Av. Pe. Júlio, 374 - Sala 013 - Centro (altos Bazar Brasil) (96) 3224.3499 *macapa@pstu.org.br*

AMAZONAS

MANAUS - R. Luiz Antony, 823, Centro (92) 234-7093 *manaus@pstu.org.br*

BAHIA

SALVADOR - Rua da Ajuda, 88, Sala 301 Centro (71) 3015-0010 *salvador@pstu.org.br*
ALAGOINHAS - R. 13 de Maio, 42 Centro
IPIAÚ - Rua Itapagipe, 64 - Santa Rita
VITÓRIA DA CONQUISTA
Avenida Caetité, 1831 - Bairro Brasil

CEARÁ

FORTALEZA *fortaleza@pstu.org.br*
BENFICA -Rua Juvenal Galeno, 710, 60015-340.
JUAZEIRO DO NORTE - Rua Padre Cícero, 985, Centro

DISTRITO FEDERAL

BRASÍLIA - Setor de Diversões Sul (SDS)- CONIC - Edifício Venâncio V, subsolo, sala 28 Asa Sul - (61) 3321-0216 *brasilia@pstu.org.br*

ESPÍRITO SANTO

VITÓRIA - *vitoria@pstu.org.br*

GOIÁS

GOIÂNIA - R. 70, 715, 1° and./sl. 4 (Esquina com Av. Independência) (62) 3224-0616 / 8442-6126 *goiania@pstu.org.br*

MARANHÃO

SÃO LUÍS - (98) 3245-8996 / 3258-0550 *saoluis@pstu.org.br*

MATO GROSSO

CUIABÁ - Av. Couto Magalhães, 165, Jd. Leblon (65) 9956-2942

MATO GROSSO DO SUL

CAMPO GRANDE - Av. América, 921 Vila Planalto (67) 384-0144 *campogrande@pstu.org.br*

MINAS GERAIS

BELO HORIZONTE *bh@pstu.org.br*
CENTRO - Rua da Bahia, 504/ 603 - Centro (31) 3201-0736
BETIM - R. Inconfidência, sl 205 Centro
CONTAGEM - Rua França, 532/202 - Eldorado - (31) 3352-8724
JUIZ DE FORA - Travessa Dr. Prisco, 80, sala 301 Centro - juizdefora@pstu.org.br
UBERABA *uberaba@pstu.org.br*
R. Tristão de Castro, 127 - (34) 3312-5629
UBERLÂNDIA - (34) 3229-7858

PARÁ

BELÉM *belem@pstu.org.br*
Passagem Dr. Dionízio Bentes, 153 - Curió - Utingá - (91) 3276-4432

PARAÍBA

JOÃO PESSOA - R. Almeida Barreto, 391, 1° andar - Centro (83) 241-2368 - *joaopessoa@pstu.org.br*

PARANÁ

CURITIBA - R. Cândido de Leão, 45 sala 204 - Centro (próximo a Praça Tiradentes)
MARINGÁ -Rua José Clemente, 748 Zona 07 - (44) 3028-6016

PERNAMBUCO

RECIFE - Rua Monte Castelo, 195 Boa Vista - (81) 3222-2549

PIAUÍ

TERESINA - Rua Quintino Bocaiúva, 778

RIO DE JANEIRO

RIO DE JANEIRO *rio@pstu.org.br* (21) 2232-9458
LAPA - Rua da Lapa, 180 - sobreloja
DUQUE DE CAXIAS - Rua das Pedras, 66/01, Centro
NITERÓI - Av. Visconde do Rio Branco, 633 / 308 - Centro *niteroi@pstu.org.br*
NOVA FRIBURGO - Rua Guarani, 62 - Cordueira (24) 2533-3522
NOVA IGUAÇU - Rua Cel Carlos de Matos, 45 - Centro *novaiguacu@pstu.org.br*
SÃO GONÇALO - Rua Ary Parreiras, 2411 sala 102 - Paraíso (próximo a FFP/UERJ)
SUL FLUMINENSE *sulfluminense@pstu.org.br*
BARRA MANSA - Rua Dr Abelardo de Oliveira, 244 Centro (24) 3322-0112
VALENÇA - Pça Visc.do Rio Preto, 362/402, Centro (24) 3352-2312
VOLTA REDONDA - Edifício Aliança, R. Neno Felipe, 43, Sala 202, B. Aterrado
NORTE FLUMINENSE
MACAÉ - Rua Teixeira de Gouveia, 1766 (fundos) (22) 2772.3151 *nortefluminense@pstu.org.br*

RIO GRANDE DO NORTE

NATAL
CIDADE ALTA - R. Apodi, 250 (84) 3201-1558

RIO GRANDE DO SUL

PORTO ALEGRE *portoalegre@pstu.org.br*
CENTRO - R. General Portinho, 243 (51) 3024-3486 / 3024-3409
PASSO FUNDO - Galeria Dom Guilherme, sala 20 - Av. Presidente Vargas, 432 (54) 9993-7180
GRAVATAÍ - R. Dinarte Ribeiro, 105, Morada do Vale - (51) 9864-5816
SANTA CRUZ DO SUL - (51) 9807-1722
SANTA MARIA - (55) 8409-0166 *santamaria@pstu.org.br*

SANTA CATARINA

FLORIANÓPOLIS - Rua Nestor Passos, 77, Centro (48) 3225-6831 *floripa@pstu.org.br*
CRICIÚMA - Rua Pasqual Meller, 299, Bairro Universitário, (48) 9102-4696 agapstu@yahoo.com.br

SÃO PAULO

SÃO PAULO *saopaulo@pstu.org.br* *www.pstusp.org.br*
CENTRO - R. Florêncio de Abreu, 248 - São Bento (11) 3313-5604
ZONA NORTE -Rua Rodolfo Bardela, 183 V. Brasilândia (11) 3925-8696
ZONA LESTE - R. Eduardo Prim Pedroso de Melo, 18 (próximo à Pça. do Forró) - São Miguel
ZONA SUL - Rua Amaro André, 87 - Santo Amaro
BAURU - Rua Antonio Alves n°6-62 - Centro - (14) 227-0215 *bauru@pstu.org.br*
CAMPINAS - R. Marechal Deodoro, 786 (19) 3201-5672 - *campinas@pstu.org.br*
FRANCO DA ROCHA - Avenida 7 de setembro, 667 - Vila Martinho *edcosta16@itelefonica.com.br*
GUARULHOS - *guarulhos@pstu.org.br*
Av. Esperança, 733 - Centro (11) 6441-0253 *guarulhos@pstu.org.br*
JACAREÍ - R. Luiz Simon,386 - Centro (12) 3953-6122
MOGI DAS CRUZES - Rua Flaviano de Melo, 1213 - Centro - (11) 4796-8630
PRES. PRUDENTE - R. Cristo Redentor, 11 Casa 5 - Jd. Caiçara - (18) 3903-6387
RIBEIRÃO PRETO - Rua Monsenhor Siqueira, 614 - Campos Eliseos (16) 3637.7242 *ribeiraopreto@pstu.org.br*
SÃO BERNARDO DO CAMPO - Rua Carlos Miele, 58 - Centro (atrás do Terminal Ferrazópolis) - *(11)4339-7186* *saobernardo@pstu.org.br*
SÃO JOSÉ DOS CAMPOS *sjc@pstu.org.br*
CENTRO - Rua Sebastião Humel, 759 (12) 3941.2845
SOROCABA - Rua Prof. Maria de Almeida, 498 - Vl. Carvalho (15) 9129.7865 *sorocaba@pstu.org.br*
SUZANO *suzano@pstu.org.br*

SERGIPE

ARACAJU - Av. Gasoduto / Francisco José da Fonseca, 1538-b Cjto. Orlando Dantas (79) 3251-3530 *aracaju@pstu.org.br*

EDITORIAL

AJUDA HUMANITÁRIA AO INVÉS DE OCUPAÇÃO

O terremoto no Haiti comoveu todo o mundo. O governo haitiano já fala em mais de duzentas mil mortes. A Conlutas e o Jubileu Sul (além de outras entidades) estão fazendo uma campanha para arrecadarem fundos e entregá-los diretamente aos trabalhadores haitianos.

A cobertura das TV's mostra o terremoto, mas esconde questões fundamentais para justificar a crescente ocupação do Haiti por tropas estrangeiras. É preciso que os trabalhadores brasileiros saibam algumas verdades que a mídia não diz.

A primeira é que o número absurdo de mortes poderia ter sido evitado se houvesse outra situação social no país. Caso o terremoto fosse a algumas centenas de quilômetros dali, nos EUA, certamente não haveria tal mortandade. À brutal miséria haitiana se somou o caos dos serviços do Estado (médicos, bombeiros), que já eram quase inexistentes e acabaram com o terremoto.

A segunda verdade é que a responsabilidade dessa situação é dos EUA, que controlam a economia do país há quase dois séculos. As multinacionais utilizam o país para produzir roupas para o mercado norte-americano, pagando o equivalente a R$ 115 por mês. Eles têm de aceitar esse salário miserável pelo desemprego de 70-80%. Ou seja, a miséria haitiana é um motivo de grandes lucros para multinacionais como a Levis, Gap, Lee.

A ocupação militar das tropas brasileiras, que já dura quase seis anos, nada fez para melhorar a situação do país. Não foram construídos mais hospitais, rede de esgotos, abastecimento de água.

A terceira questão escondida pelas TV's é o fracasso, ao menos até o momento, da "ajuda humanitária" dos governos. Dezenas de milhares de pessoas não foram resgatadas dos escombros a tempo e morreram. Foram os haitianos, com as próprias mãos, que tentaram socorrer as vítimas. Outras dezenas de milhares de feridos esperaram pelo socorro médico que não veio, e morreram nas ruas. A imprensa mostra os pouquíssimos resgates que ocorreram, sem explicar porque as estimativas de mortos se multiplicam a cada dia.

Os sobreviventes se amontoam nas ruas. A fome e a sede crescem, porque a "ajuda" não chega. Os caminhões da ONU param por alguns minutos, fazem uma fila, despejam algumas cestas e fogem para evitar os saques. Helicópteros norte-americanos lançam algumas cestas do ar. Mas a comida e os remédios não chegam para um milhão de pessoas que esperam e esperam.

Isso acontece porque o tamanho da ajuda é completamente insuficiente. A ONU disponibilizou 100 milhões de dólares, quando gastou 3,5 bilhões com a ocupação militar nestes quase seis anos. O governo brasileiro gastou 600 milhões de dólares e oferece agora de 10 a 15 milhões.

Além disso, a ajuda não chega porque não existem canais de relação com o povo haitiano para garantir isso. Os serviços estatais não existem mais, e as tropas de ocupação não integram a população. Mesmo a ajuda internacional que chega aos aeroportos não é entregue à população. Essa é a real explicação dos saques. Um desastre internacional escondido pelas TV's.

SÃO OS HAITIANOS QUE DEVEM CONTROLAR A RECONSTRUÇÃO DO PAÍS

Os EUA estão enviando de 15 a 17 mil marines para o Haiti. Mais ou menos metade das tropas que ocupam o Afeganistão. Ocuparam sem pedir permissão a ninguém o aeroporto haitiano, definindo que aviões podem ou não pousar no país. Passaram por cima das tropas brasileiras, para comandar diretamente a reconstrução do país, e manter a dominação das multinacionais. Acabou o "comando das tropas pelos brasileiros". Os norte-americanos se comportam como donos do país, já com o dobro dos soldados das tropas da ONU.

Os saques são utilizados para justificar a presença das tropas. Os haitianos estão sendo mortos pela polícia e as tropas de ocupação. As tropas são incapazes de garantir comida e remédios ao povo haitiano. Mas são "necessárias" para reprimir o povo faminto que, sem alternativa, saqueia os supermercados. Tropas para garantir a propriedade privada e não a solidariedade necessária.

Foi esse o papel das tropas da ONU, comandadas até agora pelo exército brasileiro. "Manter a ordem", a serviço das multinacionais lá instaladas. Isso independe da boa vontade de vários soldados, que viajam para lá com a melhor das intenções. Mas o papel das tropas é definido pelo comando e pelo governo brasileiro. As TV's só mostram algumas ações de resgate, para justificar a presença das tropas. Mas, mesmo nessas ações, os soldados não largam o fuzil um momento sequer.

Foram as tropas brasileiras que reprimiram as mobilizações recentes dos haitianos. A greve dos operários têxteis, em agosto passado, em defesa de um salário mínimo equivalente a R$ 190, durou duas semanas e só foi derrotada pela repressão das tropas, terminando com duas mortes. As mobilizações estudantis de novembro passado contra a ocupação militar foram duramente reprimidas pelas tropas brasileiras, terminando com vinte prisões. Agora o governo quer dobrar o número de soldados brasileiros no Haiti.

Nem soldados norte-americanos nem brasileiros! Quem deve controlar a reconstrução são os próprios haitianos!

O governo brasileiro deve retirar imediatamente as tropas, e mandar o dinheiro que gastaria em termos militares sob a forma de comida, remédios e pessoal de saúde e resgate.

É HORA DE TRANSFORMAR A SOLIDARIEDADE EM AÇÃO CONCRETA

A Conlutas, Jubileu Sul e outras entidades lançaram a campanha de solidariedade ao povo haitiano, apontando para a necessidade de entregar diretamente essas contribuições aos trabalhadores desse país, ao mesmo tempo em que denunciam a ocupação militar.

A Conlutas chama os sindicatos e entidades a conseguirem contribuições dos trabalhadores e estudantes nas bases para uma grande campanha de solidariedade. Foi disponibilizada para isso uma conta específica no Banco do Brasil: Campanha Haiti, Agência 4223-4, Conta 8844-7.

A proposta é entregar todo o arrecadado para Batay Ouvriyé no Haiti, a maior organização do movimento operário e popular do país.

CONTRIBUA:

Banco do Brasil
Campanha Haiti
Agência 4223-4
Conta 8844-7

Publicação da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI) – www.litci.org

SOLIDARIEDADE DOS TRABALHADORES DO MUNDO COM O POVO HAITIANO

UMA CATÁSTROFE NATURAL DE PROPORÇÕES GIGANTESCAS...

No dia 12 de Janeiro, um violento terremoto atingiu o Haiti. O abalo sísmico teve o seu centro a poucos quilômetros da capital haitiana, Porto Príncipe, onde vive um quarto da população do país, provocando uma terrível catástrofe.

Quando escrevemos este *Correio Internacional*, calcula-se que já existam cerca de 200 mil mortos, ou seja, 2% da população do Haiti, de aproximadamente 10 milhões de habitantes. A Cruz Vermelha estima que quase 3 milhões de pessoas estejam feridas ou desabrigadas. Estamos, portanto, perante uma tragédia humana gigantesca.

...NUM DOS PAÍSES MAIS POBRES DO MUNDO

Esta catástrofe natural de dimensões assustadoras, que seria destruidora em qualquer parte, ocorreu num dos países mais pobres do mundo. Antes mesmo do terremoto, 80% dos haitianos viviam abaixo do limiar da pobreza. Mais de 70% da população vivia com menos de 2 dólares por dia e 56% com menos de 1 dólar. Um terço da população dependia da ajuda alimentar para sobreviver. Apenas 30% dos haitianos tinham acesso à rede pública de saúde.

Neste contexto, os efeitos do abalo se tornam ainda mais devastadores. Segundo engenheiros e arquitetos que já trabalharam no Haiti, citados pelo jornal *Folha de S. Paulo*, a má qualidade das construções, devido à falta de materiais adequados e práticas incorretas de construção, agravou ainda mais a fragilidade das casas e edifícios. Depois do terremoto falta o básico: água, luz, comida e o mínimo de assistência médica. Os serviços de resgate são quase inexistentes e não há sistema de saúde para tratar os feridos ou oferecer os remédios e atendimento básico de pronto-socorro, o que faz com que muitos acabem morrendo. Ao mesmo tempo, a falta de qualquer infra-estrutura mínima faz com que os mortos se acumulem nas estradas e ruas, agravando o risco de epidemias. Os poucos acampamentos de refugiados são, na maioria, improvisados pela população, com tendas de lençóis.

DOIS SÉCULOS DE INTENSA EXPLORAÇÃO IMPERIALISTA E CINCO ANOS DE OCUPAÇÃO PELA ONU

A situação de extrema pobreza no Haiti é produto de dois séculos de intensa exploração por diversas potências imperialistas.

O país foi o palco da primeira e única revolução vitoriosa protagonizada por escravos no mundo e a primeira revolução negra e anti-colonial da América Latina. Entre 1791 e 1804, os escravos haitianos travaram diversas lutas contra a potência colonial francesa, até que, em 1804, expulsaram os franceses, tomaram o poder e alcançaram a independência. Desde então, o Haiti tornou-se uma ameaça para a França e demais países imperialistas, assim como para a elite escravagista que dominava toda a América Latina. Estes tentaram por todos os meios isolar economicamente o país para sufocá-lo. Desde o início do século XX, os haitianos sofreram diversas invasões imperialistas e ditaduras sangrentas.

> **Cinco anos de ocupação não serviram para dotar o país de mais infra-estrutura ou melhores condições de vida. O desastre desnudou a catástrofe social haitiana**

Mais recentemente, desde 2004, o Haiti foi ocupado pelas forças da ONU, depois de os EUA terem intervido militarmente para forçar a retirada do presidente Aristide do país. Atualmente as forças de ocupação da ONU são dirigidas pelo Brasil, que assim ajuda os EUA a manter seus interesses na região, mas com uma ocupação militar de face mais "amigável", com tropas brasileiras, argentinas, bolivianas, jordanianas, entre outras.

O discurso oficial é que a presença militar é necessária para que o Haiti não se torne um caos. No entanto, durante os últimos cinco anos as condições de vida do povo haitiano não melhoraram: o salário mínimo, de cerca de 40 dólares, é o mais baixo da América Latina.

As tropas da Minustah têm servido não para ajudar a trazer a paz e melhoria social ao Haiti, mas, ao contrário, para garantir os grandes lucros das multinacionais das principais potências imperialistas, principalmente dos EUA, que conseguem grandes lucros à custa de trabalho quase escravo.

A recente repressão exercida pelas tropas contra os trabalhadores que lutavam por um reajuste do salário mínimo deixou muito claro o papel da Minustah. Em declaração recente, seu comandante, o general brasileiro Floriano Peixoto Vieira Neto, explicou que os projetos executados pelos batalhões de engenharia do Exército brasileiro são realizados primordialmente com fins militares, e não diplomáticos ou civis, o que significa que os benefícios para a população são indiretos: *"Quando você conserta uma estrada para uma tropa passar, para assegurar mobilidade, isso fica também para utilização da comunidade."*

O recente terremoto, ao contrário do que diz a propaganda oficial, demonstra da forma mais explícita e cruel que cinco anos de ocupação militar não serviram para dotar o país de mais infra-estrutura ou melhores condições de vida. Ao contrário, o desastre natural desnudou a catástrofe social que é a vida no Haiti.

CATÁSTROFE HAITIANA GERA COMOÇÃO E SOLIDARIEDADE

A tragédia humana provocada pelo terremoto no Haiti comoveu os povos de todo o mundo. Pessoas de vários países estão enviando dinheiro, comida, medicamentos e roupas, mobilizando-se para enviar ajuda e solidariedade ao povo haitiano. Essa solidariedade humana internacional é um sentimento mais do que justo e provavelmente a única coisa positiva em toda essa catástrofe.

Na realidade, toda ajuda que chegue ao Haiti neste momento é fundamental para tentar salvar a vida de milhares de haitianos. Nesse sentido, temos que exigir dos governos de todo o mundo que enviem recursos humanos e materiais de resgate, médicos, remédios, comida, água potável, porque sem isso milhares de haitianos não conseguirão sobreviver. Especialmente, os governos dos países imperialistas, que diariamente ganham lucros inimagináveis à custa do trabalho dos haitianos, e em particular os EUA, pelo seu domínio do país e pela proximidade geográfica, têm que garantir imediatamente os recursos básicos para a população haitiana.

Governos que agora se dizem muito comovidos com a situação são os mesmos que têm se aproveitado do Haiti

AJUDA HUMANITÁRIA NÃO CHEGOU À MAIORIA DA POPULAÇÃO

Apesar da comoção internacional, a ajuda humanitária que chegou até o momento ao Haiti é quase insignificante diante das necessidades. Enquanto falam em solidariedade, os mesmos governos que deram 25 trilhões de dólares para os bancos na crise econômica agora oferecem 145 milhões de dólares ao Haiti. Em cinco anos de ocupação militar, a ONU gastou 3,5 bilhões de dólares e agora "oferece" 10 milhões de dólares para a ajuda ao terremoto. Apesar dos milhares de vidas em jogo, diante desta gigantesca catástrofe o imperialismo mostra a sua verdadeira face: tudo para salvar os lucros milionários dos bancos e migalhas para salvar as vidas do povo mais pobre da América Latina.

A situação é alarmante, pois a maioria dos especialistas afirma que as pessoas soterradas dificilmente conseguem sobreviver por mais de três dias nessa situação. Segundo o diário espanhol El País (15/1/2010): *"A ajuda ainda não chegou à maioria dos residentes de Porto Príncipe que vagam pelas ruas fétidas, buscando desesperadamente água, comida e ajuda médica"*.

Mesmo neste momento de emergência, para pouco tem servido a suposta missão humanitária das tropas da ONU no Haiti, tanto como força de apoio à população quanto de resgate ou de auxilio médico. Segundo a *Folha de S. Paulo*, *"os funcionários da ONU estão concentrados em ajudar a si mesmos, focando ações de resgate em suas instalações e no Hotel Montana, onde viviam os altos funcionários. (...) O atendimento aos haitianos é apenas ocasional."*

Notícias recentes mostram que a ONU tinha toneladas de alimentos armazenados no Haiti, mas que até o momento não os tinha distribuído e sequer informado sobre sua existência. Foi necessário que a população descobrisse o armazenamento e tomasse a iniciativa de apoderar-se dos alimentos, mesmo contra a vontade da ONU.

Na realidade, em face da tragédia que atinge todos os haitianos, independentemente da sua classe, fica claro que a "ajuda humanitária" da ONU tem priorizado aqueles a quem sempre serviu: os mais ricos.

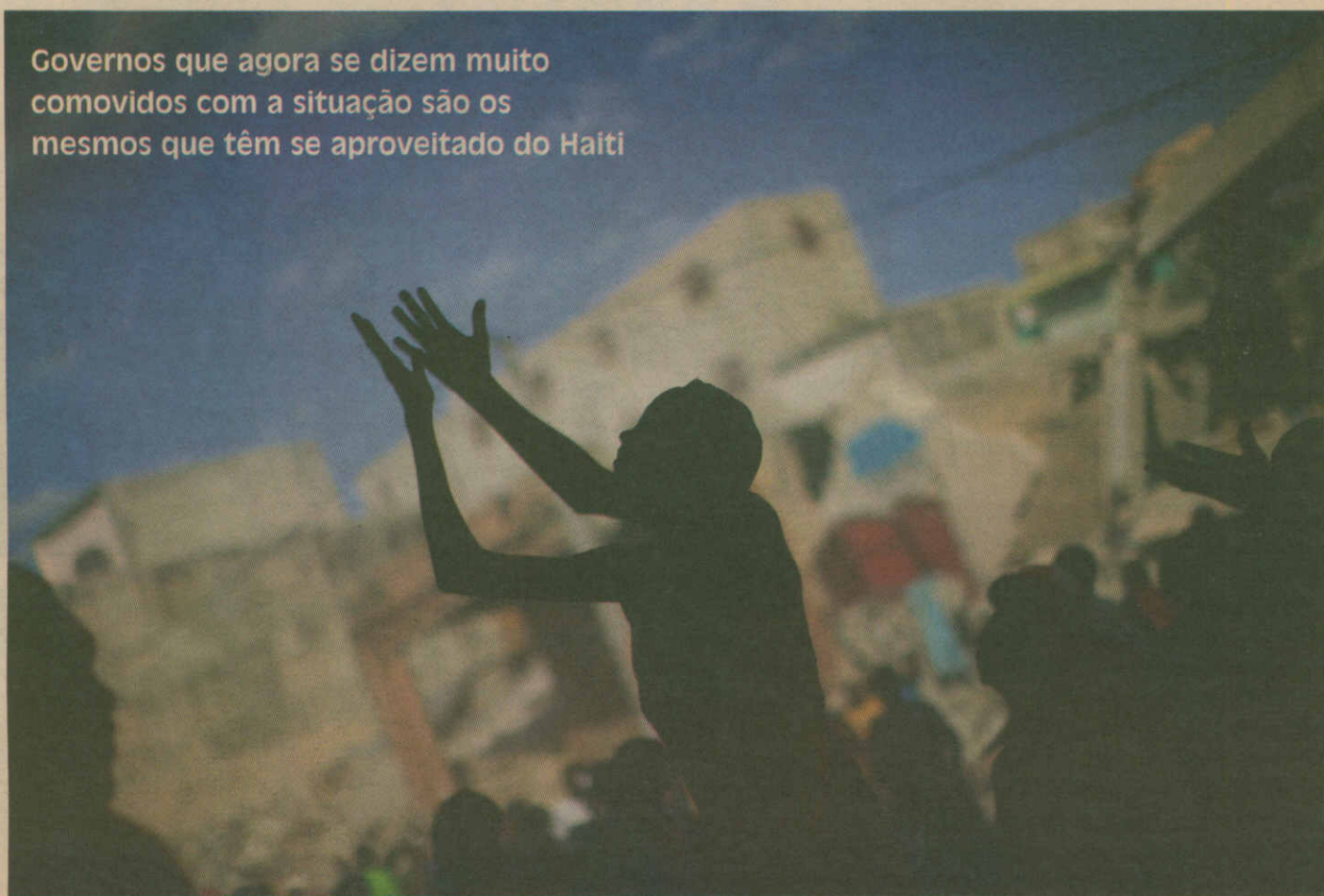
AS HIPOCRISIAS DOS GOVERNOS IMPERIALISTAS

Na realidade, além de a ajuda ser totalmente insuficiente, a grande contradição é que o pouco que chegou até agora ao Haiti é controlado pelos governos imperialistas e suas instituições, como a ONU. Nesse sentido, essa ajuda é claramente hipócrita.

Em primeiro lugar, os governos que agora se dizem muito comovidos com a situação e prontos a ajudar são os mesmos que têm se aproveitado do Haiti. A ajuda que pretendem dar é mínima diante do que poderiam e do que ganharam com a exploração de mão-de-obra barata no Haiti. Note-se que Bill Clinton e George W. Bush (que era presidente na época em que os EUA forçaram a deposição e o exílio de Aristide e promoveram a ocupação das tropas da ONU) são os que vão comandar a comissão da Casa Branca que coordenará os esforços de resgate e ajuda ao Haiti.

Mas o pior é que os governos imperialistas e os que mantêm a ocupação do Haiti estão aproveitando a tragédia e a crise social decorrente para, em nome da ajuda humanitária, reforçar a ocupação e a repressão no país.

Devido à tragédia em curso, a vida para grande parte da população tornou-se uma busca pela sobrevivência, sendo normais os saques a supermercados destruídos. Com o argumento de manter a segurança e evitar a criminalidade, as forças militares preparam-se para "evitar" (leia-se reprimir) essas situações perante uma população que, com toda a justeza, luta pela vida.

Além disso, tem crescido a insatisfação da população. Como relata o porta-voz da Minustah (*Folha de S. Paulo*, 15/1/2010): *"a precariedade das condições das forças de segurança e as carências no atendimento a população estão gerando impaciência na população. 'Eles [os haitianos] estão cada vez mais irritados'."* Segundo o noticiado por diferentes jornais, alguns haitianos começaram a empilhar os corpos das vítimas nas ruas, o que é uma necessidade não cumprida pelas forças "humanitárias", ao mesmo tempo em que pode ser entendida como protesto contra a demora em socorrer a população afetada. Se a Minustah já era a força militar que reprimia estudantes e trabalhadores, agora o será ainda mais, aproveitando-se desta situação para aumentar o seu controle sobre o país.

EUA PASSAM A COMANDAR A OCUPAÇÃO MILITAR

A partir de agora, além da repressão a possíveis levantes sociais, o que está em jogo é, principalmente, quem controlará o Haiti e quem ganhará com a sua reconstrução daqui para frente.

Por isso, junto com a "ajuda humanitária", o governo Obama enviou um contingente militar que, de um momento a outro, colocou os EUA como o principal país da força militar de ocupação, passando por cima da Minustah e sem se preocupar com "autorizações" da ONU. Os norte-americanos já anunciaram que enviarão 10 mil soldados, 2.200 dos quais são a famosa tropa de assalto dos "marines", os fuzileiros navais.

Marines embarcam rumo ao Haiti, no dia 15 de janeiro

Os EUA mandaram o porta-aviões "Carl Vissom", carregado com 19 helicópteros. O destróier Higgins também se encontra na região e em breve devem chegar 3.500 soldados da 82ª Divisão Aerotransportada de Infantaria.

Nas próximas duas semanas devem chegar o cruzador "Normandy" e a fragata "Underwood", ambos equipados com mísseis dirigidos. Também irá o navio de assalto anfíbio "Bataan", acompanhado de duas outras naves do grupo de assalto anfíbio: o "Fort MacHenry" e o "Carter Hall". Ou seja, chegaram os verdadeiros chefes da ocupação militar e foi posta em segundo plano a frágil Minustah.

O fato de que o principal envio de pessoal dos EUA para o Haiti seja composto por soldados especializados para o combate militar e não por especialistas em resgate, médicos ou proteção civil, deixa bem claro que seu objetivo é o controle militar e não a ajuda humanitária ao povo haitiano.

QUEREM RECOLONIZAR DEFINITIVAMENTE O HAITI

O governo dos EUA aproveita-se desta situação de crise para tomar controle direto e total do Haiti. Basta dizer que foram eles que assumiram o controle do aeroporto de Porto Príncipe e que dirigem todas as operações, sem consultar o Brasil, que até agora comandava as forças da ONU no país.

Diante da iniciativa unilateral dos EUA, a França, antiga metrópole colonial que dominava o Haiti, procurou também entrar em jogo. A proposta de Sarkozy de realizar uma conferência internacional sobre o Haiti é a expressão dessa disputa entre os vários países imperialistas sobre quem passará a controlar o país daqui para frente. E isto fica explícito pelo fato de o presidente haitiano ou qualquer membro de seu governo sequer terem sido convidados para esta conferência.

Ou seja, sob o pretexto da reconstrução esconde-se um projeto de transformar o país numa nova colônia do imperialismo americano, enquanto o imperialismo francês procura também garantir sua parte. Até o Brasil, que nos últimos cinco anos tem servido ao imperialismo ao dirigir a ocupação, procura neste momento conseguir a sua parte na repartição dos negócios da reconstrução e do controle futuro do país.

Face a isto, Préval, presidente haitiano, tem demonstrado o seu papel de capacho completo dos EUA. O seu agradecimento público ao governo dos EUA pelo envio das tropas e cruzadores que chegam ao Haiti para ocupar o país, é a expressão máxima de um presidente completamente subserviente ao imperialismo, que é ainda utilizado por Obama para se colocar como o grande humanitário, enquanto se propõe a recolonizar definitivamente o Haiti.

AJUDA DEVE SER CONTROLADA PELAS ORGANIZAÇÕES POPULARES E DE TRABALHADORES DO HAITI

Neste jogo de forças e interesses, quem fica em último plano é novamente o povo haitiano. A Minustah é uma força militar de segurança e fracassou completamente quando foi necessária uma verdadeira ajuda humanitária. Os governos imperialistas estão mais preocupados em controlar militar e economicamente o Haiti para transformá-lo numa colônia do que com a sobrevivência do povo haitiano. O governo e as instituições haitianas são ausentes e estão mais preocupadas consigo mesmas do que com o seu povo. O presidente do Haiti, Préval, deixou isso claro quando afirmou que a maior prioridade é restabelecer as comunicações, em particular entre os membros do governo, o segundo é a remoção dos destroços para desobstruir as vias e o terceiro é o suprimento de combustíveis para os carros do governo (*Folha de S.Paulo*, 15/1/2010).

Além disso, seja sob as mãos dos governos imperialistas ou dos governantes haitianos, tal como aconteceu em catástrofes naturais anteriores, o mais provável é que boa parte da ajuda humanitária fique perdida no meio da corrupção e seja utilizada para garantir o bem-estar dos mais ricos e não a vida dos mais pobres.

Para sair definitivamente desta situação de tragédia humana e social, os trabalhadores só poderão contar consigo mesmos, tomando o seu destino em suas próprias mãos. Alguns relatos que nos chegam através da imprensa internacional mostram que já há indícios dessa consciência, como os campos de refugiados auto-organizados ou uma operação de resgate na universidade GOC (Group Olivier Collaborateur) feita pelos próprios estudantes e seus familiares.

É por tudo isso que achamos que a única solução é o próprio povo haitiano controlar a ajuda humanitária que chegue. Caso contrário, toda a comoção dos povos do mundo inteiro e os seus esforços para ajudar os haitianos ficarão em boa parte perdidos ou serão utilizados de forma indevida.

Resgate na Universidade de Porto Príncipe

O POVO HAITIANO PRECISA DE ÁGUA, REMÉDIOS E COMIDA, NÃO DE FUZIS E REPRESSÃO!

Se toda a ajuda humanitária é bem-vinda, consideramos que é fundamental que os sindicatos, organizações estudantis e populares e organizações de direitos humanos independentes dos governos burgueses arrecadem fundos que sejam entregues diretamente às organizações populares haitianas. A Coordenação Nacional de Lutas (Conlutas), junto com outras organizações operárias brasileiras, já tomou a iniciativa de fazer uma campanha para recolher fundos e ajuda para levar aos trabalhadores e ao povo haitiano. É fundamental que esta iniciativa seja também realizada pelas organizações sindicais e populares de todos os países, de forma independente dos seus governos.

A LIT-QI chama todas as organizações dos trabalhadores a realizarem uma campanha de solidariedade da classe trabalhadora de todo o mundo para a classe trabalhadora e a população pobre do Haiti. Esta campanha deve servir, em primeiro lugar, para ajudar o povo haitiano, mas também para reatar a tradição da luta operária internacional e os fundamentais laços de solidariedade entre a classe trabalhadora do mundo inteiro.

Finalmente, a LIT-QI chama a que essa ajuda seja entregue às organizações operárias e populares do Haiti, como, por exemplo, Batay Ouvriye (Batalha Operária), uma das principais organizações operárias do Haiti que desde o início se colocou contra a ocupação militar feita pela Minustah e que encabeçou a recente luta pelo aumento do salário mínimo. É com o objetivo de entregar essa ajuda solidária à classe operária e ao povo pobre que queremos organizar uma nova delegação internacional ao Haiti.

"A AJUDA INTERNACIONAL NÃO SE VÊ, NÃO SE COME E NÃO SE BEBE, SÓ SE OUVE"

OTÁVIO CALEGARI JORGE é estudante da Unicamp e militante do PSTU. Estava no Haiti no momento do terremoto que devastou a capital, Porto Príncipe. Pôde testemunhar a destruição do desastre, como também a incrível solidariedade do povo haitiano e o verdadeiro papel que cumprem as tropas da ONU no país, como descreve nesse artigo ao Opinião Socialista

Haitianos montam tendas improvisadas nas praças, usando apenas lençóis

Otávio Calegari, antes do terremoto

Estive no Haiti junto a um grupo de estudantes, uma fotógrafa e um professor da Universidade Estadual de Campinas, desde o dia 3 de janeiro. O projeto de pesquisa que visávamos desenvolver englobaria diversos aspectos da realidade haitiana, dentre eles, as percepções da população acerca da ocupação militar da Minustah, liderada pelo Brasil.

Infelizmente, fomos surpreendidos pelo terremoto do dia 12, o que nos fez reavaliar nossa permanência no país, bem como o próprio papel que poderíamos cumprir através da denúncia sistemática dos recentes acontecimentos.

OCUPAÇÃO E A SOLIDARIEDADE POPULAR

O terremoto, mais do que uma catástrofe natural, foi a explicitação mais brutal de uma catástrofe social já em andamento no Haiti. A situação pela qual passamos após o dia 12 nos revelou, sem qualquer máscara, diversos aspectos do momento pelo qual passa o Haiti hoje.

A ocupação da ONU se mostrou totalmente fracassada. O já frágil Estado haitiano literalmente desmoronou. Com ele foram os maiores prédios das Nações Unidas, tanto civis quanto militares.

O que pudemos presenciar nos quatro dias após o terremoto, antes de deixarmos o Haiti, foi uma solidariedade invejável do povo haitiano e uma ausência completa dos militares e civis da Minustah.

Caminhar pela Champ de Mars, principal praça de Porto Príncipe, nos dias posteriores ao terremoto, nos mostrou a realidade nua e crua. Enquanto víamos na mídia internacional que milhões de dólares seriam doados para ajudar os haitianos, o que pudemos presenciar foi uma cidade extremamente destruída, mas extremamente viva.

As praças que cercam o Palácio Central se transformaram em imensos campos de refugiados. Milhares de pessoas se aglomeravam, e ainda se aglomeram, em todos os lugares onde não haja prédios ou casas por perto. O mais incrível, no entanto, foi a organização popular. O "chien jambe" – comércio informal de comida nas ruas – se mostrou o único meio de acesso dos haitianos que haviam perdido suas casas, bem como seus parentes e amigos, à comida.

Os únicos caminhões que matavam a sede das pessoas eram caminhões da iniciativa privada, provavelmente liderados pelos próprios motoristas, que distribuíam água a filas imensas. Também a organização para retirar escombros e resgatar pessoas se deu de maneira muito rápida, apesar da precariedade dos instrumentos. Pudemos ver, em várias horas de caminhada durante os dias seguintes ao terremoto, apenas algumas poucas retro-escavadeiras e alguns caminhões para remover os corpos que se acumulavam pelas ruas de Porto Príncipe. A ONU simplesmente desapareceu.

Na verdade, não desapareceu. A Minustah estava totalmente empenhada em resgatar seus próprios militares e civis, bem como remover os escombros do Hotel Montana, onde se hospedavam ricos hóspedes estrangeiros. Os haitianos ajudam os haitianos, a ONU ajuda a ONU, esta tem sido a regra.

DESCASO DA "COMUNIDADE INTERNACIONAL"

A ajuda internacional, tão propagandeada por todos os lados, não chega. Como disse um haitiano ao jornal El País, da República Dominicana, a ajuda *"não se vê, não se come e não se bebe, só se escuta"*.

Os problemas físicos de Porto Príncipe, que até agora servem de argumento para a demora na chegada de ajuda, escondem o verdadeiro aspecto do problema. Infelizmente, não se tratam de problemas de logística, como querem propagandear os organismos internacionais, mas de um total descaso com a população haitiana. Em nenhum momento foram consultados os próprios haitianos, que colocam a cidade em movimento, sobre a maneira como deveria ser organizada a chegada de alimentos, remédios ou água.

O que se vê é justamente o contrário. Não só os alimentos estão encarcerados no aeroporto e as dezenas de carros e caminhões da Minustah estão parados nos batalhões, como há uma predisposição clara em priorizar o envio de militares para "garantir a segurança" da distribuição.

Os casos de saques e violência, até o momento em que permanecemos em Porto Príncipe, eram extremamente localizados. E mais, eram pais e mães de família que estavam tentando resgatar o que fosse possível dos supermercados destruídos. A Polícia Nacional Haitiana, frágil e pequena, tem cumprido bem o seu papel – resguardar as lojas e supermercados, mesmo os destruídos, do povo faminto.

A violência, como se daria em qualquer país do mundo, tende a aumentar. A causa desse aumento, no entanto, se dá pela falta rápida de socorro. Quanto mais tempo demorar, mais o povo se rebelará. Os Estados Unidos já perceberam isso, assim como a ONU e o Brasil. Milhares de mortos a mais, para a "comunidade internacional", não são importantes, afinal, são negros, pobres e rebeldes. O importante é decidir quem controlará, através do maior e mais potente efetivo militar, o futuro dos haitianos que sobrarão.

WWW.PSTU.ORG.BR
Leia outros relatos direto do Haiti

ASSISTA O VÍDEO SOBRE O HAITI

O Portal do PSTU publicou um vídeo da série Cinco Minutos sobre o terremoto no Haiti. Eduardo Almeida, da direção do partido, visitou o Haiti em dezembro e fala sobre as razões de uma tragédia tão grande, defende a campanha de solidariedade e denuncia a ocupação e os interesses das multinacionais.

youtube.com/portaldopstu www.pstu.org.br

O QUE A HISTÓRIA HAITIANA NOS ENSINA

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

A mensagem que as redes de TV e os governos passam do Haiti fala que uma ocupação militar é necessária, pois os haitianos levaram seu país a um caos completo e não têm condição de se governar.

Isso é mais do que uma mentira. É a reprodução da ideologia colonial e escravagista. Durante a época colonial, se justificava a escravidão dizendo que os negros não tinham condições de fazer outra coisa que não fosse se submeter aos brancos.

Tanto naquela época como agora, não se pergunta a opinião dos próprios haitianos. Ao invés disso, tropas estrangeiras são enviadas para ocupar o país. Como se fosse para "ajudar os haitianos", essas tropas garantem a continuidade de uma economia a serviço dos países ocupantes.

UMA REVOLUÇÃO QUE É UM EXEMPLO MUNDIAL

A história haitiana demonstra exatamente o contrário do que nos dizem. O povo haitiano deu um exemplo para toda a humanidade, com a revolução dos escravos de 1804. Sua miséria não é produto da "incapacidade dos haitianos", mas da exploração das potências imperialistas, que destruíram o país para obter mais lucros.

Os haitianos foram o único povo de toda a história mundial que realizou uma revolução de escravos vitoriosa. Houve muitas rebeliões de escravos na história, como a liderada por Spartacus, em 74 AC, contra o Império Romano. E muitas outras, no Brasil e nos Estados Unidos. Todas, porém, foram derrotadas, menos a haitiana.

Entre 1791 e 1804, os negros derrotaram os exércitos das principais potências coloniais da época (Inglaterra, Espanha e França). Napoleão Bonaparte invadiu o país para reestabelecer a escravidão com 60 mil soldados, e conheceu no Haiti sua primeira grande derrota militar.

Essa revolução foi também a primeira a libertar uma colônia na América Latina, ajudando, inclusive, Simon Bolívar nas lutas pela libertação diante da Espanha.

Esse exemplo mundial precisava ser apagado pelo imperialismo, pois incomoda até os dias de hoje. Por isso, o Haiti sofreu um boicote econômico duríssimo, e depois uma exploração selvagem que devastou o país. E por isso foi criada essa ideologia, da "incapacidade dos haitianos". A verdade é que esse povo heróico não só é capaz de se autogovernar, mas também de se rebelar. É para evitar as possíveis rebeliões que o Haiti sofreu tantas invasões, como a atual.

UMA EXPLORAÇÃO BRUTAL DE QUASE DOIS SÉCULOS PELO IMPERIALISMO

A outra versão que pretende culpar os haitianos pelo desastre atual tampouco se sustenta. A verdade é que a exploração imperialista selvagem destruiu o país antes mesmo do terremoto.

Logo depois de se libertar da dominação colonial, o Haiti teve de enfrentar um brutal bloqueio econômico, imposto pelo imperialismo nascente dos EUA e por todas as outras potências derrotadas.

Em 1825, o governo haitiano, formado pelas novas classes dominantes negras, se rendeu ao imperialismo francês, aceitando uma dívida externa de 150 milhões de francos, como indenização pelas propriedades francesas confiscadas pela revolução. Esse acordo buscava romper o bloqueio econômico, mas teve severas consequências para o país. O pagamento dessa dívida, mesmo rebaixada para 90 milhões de francos (21 bilhões de dólares atuais), consumiu 80% do orçamento nacional até o ano de 1947. O Haiti retrocedeu então para uma situação de semicolônia.

Em 1915, os EUA invadiram o Haiti, lá permanecendo por cerca de vinte anos. Praticamente todos os governos haitianos, desde então, foram diretamente dirigidos pelo imperialismo norte-americano. Isso inclui a ditadura de François Duvalier, o Papa Doc – fiel aliado dos EUA (1957 a 1971) que teve continuidade com seu filho Baby Doc, até este ser derrubado por uma revolução democrática, em 1986.

Esse controle da economia haitiana pelo imperialismo provocou verdadeiros desastres. O país que era o maior exportador mundial de açúcar passou a importar açúcar, arroz e praticamente todos os alimentos. Houve uma matança sistemática dos porcos haitianos (fundamentais na economia camponesa) na ditadura duvalierista, com a desculpa de erradicar a gripe suína. Tratava-se de um plano de longo prazo, articulado pelo imperialismo, de destruir as pequenas propriedades da economia camponesa e forçar uma migração para as cidades, fornecendo mão de obra abundante para as indústrias multinacionais.

Haitianos fazem a primeira revolução de escravos vitoriosa

OU OS GOVERNOS APLICAM O PLANO ECONÔMICO DOS EUA... OU NOVAS INVASÕES

Depois da queda de Baby Doc, as primeiras eleições reais ocorreram em dezembro de 1990. O candidato do imperialismo, Marc Bazin, conseguiu apenas 14%, sendo eleito o padre Jean-Bertrand Aristide, adepto da Teologia da Libertação. As primeiras eleições relativamente livres no Haiti, após dezenas de anos, levaram ao poder um governo de colaboração de classes, também chamado de "frente popular". Um golpe militar derrubou o governo eleito sete meses depois, matando cinco mil adeptos de Aristide.

A ditadura militar se afundou em novas crises, e enfrentou uma grande resistência popular. Quando já estava cambaleante, o governo dos EUA (Clinton, na época) fez um acordo político com Aristide. Os EUA invadiram o país pela segunda vez em 1994, depuseram a ditadura e recolocaram Aristide no poder.

O acordo entre Aristide com Clinton para voltar ao poder incluiu o compromisso de impor ele mesmo um plano neoliberal no país. Ele e Préval - o atual presidente do país - impuseram a privatização das estatais e a eliminação das tarifas de importação. Foi o próprio Aristide (reeleito em 2000) que apresentou o plano que criou as 18 zonas francas.

Com a aplicação desta política econômica, Aristide perdeu cada vez mais apoio popular, e o imperialismo resolveu depô-lo em 2004. Em fevereiro, o Conselho de Segurança da ONU legalizou mais uma invasão ao Haiti, agora para tirar do poder o mesmo Aristide. A ONU chamou tropas de ocupação, agora compostas e dirigidas por países latino-americanos. O governo Lula aceitou a liderança da ocupação – atendendo um pedido expresso de Bush –, formada por exércitos do Brasil, Argentina, Bolívia, Chile e outros países.

Nas únicas eleições que a ocupação se atreveu a convocar, em 2006, o candidato direto do imperialismo foi mais uma vez derrotado, tendo 12% dos votos. As tropas de ocupação (sob a direção da embaixada norte-americana) armaram uma gigantesca fraude para evitar a vitória de Préval (candidato do deposto Aristide). Segundo a Folha de S. Paulo, a empresa Boucar Pest Control, contratada pelas tropas da ONU, admitiu ter levado urnas com milhares de votos de Préval para um depósito de lixo.

O conselho eleitoral não queria reconhecer a vitória de Préval, para impor um segundo turno. Milhares de pessoas saíram às ruas contra a fraude. Para evitar uma nova rebelião, o governo recuou e aceitou a vitória. O povo festejou com grandes manifestações.

Mais uma vez, quando chamado para votar, o povo haitiano derrotou os candidatos que identificava com o imperialismo. E mais uma vez foi traído.

GOVERNO PRÉVAL E A LEI HOPE

Uma vez empossado, Préval passou a cumprir o papel de um governo fantoche a serviço da ocupação militar. Aceitou o papel de um presidente que não manda em nada, em um país ocupado por tropas estrangeiras e dirigido pela embaixada brasileira, a serviço de Washington. Seguiu aplicando o plano econômico definido pelo governo dos EUA.

O grande instrumento legal de Préval é a lei Hope. Mais um dos "tratados de livre comércio", que o imperialismo está impondo aos países latino-americanos. Os acordos retiram todas as barreiras para os produtos e capitais norte-americanos nessas regiões.

Marines norte americanos invadem Haiti. 31/07 de 1915

Papa Doc com seu filho Baby Doc

Aristides e Clinton

Preval e Bush

Haitianos trabalham numa indústria textil em Porto Príncipe

Soldado da ONU no Haiti

No caso haitiano, isso tomou a forma da lei Hope de 2005. "Trata-se de uma lei que abre todas as barreiras para que os dois países possam realizar intercâmbios comerciais livres sem pagar taxas alfandegárias, ou mesmo qualquer taxa que o Estado possa cobrar sobre as mercadorias ou que trave sua livre circulação. As mercadorias indicadas por essa lei se referem aos produtos têxteis provenientes das chamadas maquiladoras", denuncia a organização Batay Ouvriyé.

Préval, ao voltar dos EUA, onde assinou a lei Hope, anunciou os planos de privatização da telefônica, da saúde, dos portos e do aeroporto.

É na aplicação dessa lei que se entende a construção das zonas francas atuais, onde as multinacionais têxteis produzem para o mercado norte- americano. Essas empresas pagam um salário miserável (equivalente a cerca de R$ 115), com uma taxa de lucros maior do que na China. É por essa razão que se explica a presença de Clinton (mais uma vez na história haitiana) como "enviado especial da ONU para o Haiti", e os investimentos de George Soros para a construção de zonas francas no país.

Foi contra esse plano que surgiu a grande greve dos operários têxteis, que parou a indústria da capital Porto Príncipe por duas semanas em agosto de 2009, exigindo um salário de 200 gourdes (R$ 190 reais). A greve terminou derrotada pela repressão violenta das tropas da Minustah (dirigidas pelos brasileiros), com duas mortes.

MISÉRIA HAITIANA É PARTE DE UM PLANO CONSCIENTE DO IMPERIALISMO

A miséria do país, portanto, longe de ser expressão da incapacidade haitiana, é o resultado de uma política do imperialismo. É fonte de grandes lucros para as multinacionais que podem explorar a mão de obra haitiana expulsa dos campos e concentrada nas cidades. Os trabalhadores têm de aceitar esse salário de fome ou irão se somar aos 80% de desempregados do país.

Esse plano vem sendo aplicado desde a ditadura duvalierista, com a destruição da economia camponesa. Passou pelo governo de Aristide com a criação das zonas francas, e agora está nas mãos de Préval, com a lei Hope.

Toda vez que pôde, o povo haitiano votou contra esse plano, como em 1990, 1995, 2000 e 2006. Mas em todas elas foi traído. Quando o imperialismo norte-americano sentia que os governos haitianos poderiam opor resistência a esse plano, ou já estavam muito desgastados para aplicá-lo, simplesmente invadia o país. Nas três invasões dos EUA ao Haiti (1915, 1994 e 2004) o imperialismo se apoiou nessa mesma ideologia, culpando os haitianos pelos desastres que são responsabilidade direta do próprio imperialismo. Sempre com o mesmo discurso cínico contra a miséria e a violência dos haitianos. Mas agora conta com a cumplicidade direta das tropas e do governo brasileiro.

ATIVISTA HAITIANO É ASSASSINADO A TIROS

DIRIGENTE DA LUTA pelo reajuste do salário mínimo é morto a tiros horas antes da tragédia

Poucas horas antes do terremoto, foi assassinado no Haiti o professor Jean Anil Louis –Juste, intelectual e militante de esquerda, quando participava de uma manifestação estudantil em protesto contra a ocupação militar. Jean foi morto por dois jovens não identificados e a imprensa haitiana logo apressou-se em apontar o crime como resultado de um assalto.

Jean Anil Louis

Jean Anil era professor de Sociologia da Université d'État (UEH), um dos espaços de referência nas lutas pelo 1° de maio independente e pelo reajuste do salário mínimo, em agosto e setembro de 2009. A Faculdade de Ciências Humanas, onde trabalhava, foi cercada e atacada diversas vezes este ano pela Minustah. A perseguição a Jean era tamanha que até a primeira-ministra chegou até a pressionar a reitoria para demitir o professor.

O professor denunciava permanentemente a situação do Haiti, mostrando como este país tornou-se tão empobrecido, resgatando com orgulho as lutas históricas de seu povo. Era crítico severo da submissão dos governos à dominação e exploração imperialista, assim como denunciava a presença da Minustah.

Janil atuou na construção da Associação Universitária Dessaliniana (ASID, em língua haitiana). A participação da ASID na frente de todas as lutas sociais no Haiti durante esse curto tempo as elites não poderiam deixar sem reação. O assassinato de Janil foi planejado. Dois matadores de aluguel foram contratados para perpetuarem o crime e darem-no um caráter de banditismo de rua.

Neste momento de dor e comoção pela tragédia que se abateu sobre o país, homenagear Jean é intensificar todo apoio e solidariedade ao povo haitiano, exigir do governo Lula a imediata retirada das tropas brasileiras do país, ajuda humanitária efetiva (alimentos, água, remédio, profissionais da área da saúde, dinheiro, etc.). E que o próprio povo defina os rumos da reconstrução do seu país.

CAPITALISMO EM CRISE, UM MUNDO SOCIALISTA É POSSÍVEL!

PSTU VAI AO FÓRUM para defender uma saída socialista para crise econômica e exigir fim da ocupação militar do Haiti

FOTOS: DIEGO CRUZ

ANDRÉ OLIVEIRA FREIRE,
da Direção Nacional do PSTU

O ano de 2009 foi marcado pela maior crise da economia capitalista desde 1929. Em poucos meses, vimos de forma cristalina a falência do sistema capitalista, com a quebradeira de mega empresas e bancos, especialmente nas maiores economias do planeta.

Para salvar os grandes capitalistas os governos desembolsaram 25 trilhões de dólares de dinheiro público. Uma quantia extraordinária para salvar as grandes empresas, enquanto a maioria da população mundial sofre com a fome, a miséria, falta de educação, saúde e de serviços públicos de qualidade, como estamos assistindo no Haiti neste momento.

Essa colossal crise da economia capitalista significou para os trabalhadores em todo mundo o aumento do desemprego, a redução de direitos e salários e mais ataques às conquistas históricas da nossa classe. Tudo isso para financiar a saída da crise para os grandes capitalistas, que não admitem reduzir seus lucros.

Mas a crise do sistema capitalista também abriu uma situação mais favorável para os socialistas revolucionários disputarem a consciência da classe trabalhadora. É preciso explicar a necessidade de lutarmos pela destruição deste sistema para construirmos uma sociedade sem a exploração do homem pelo homem. Mais do que nunca, um mundo socialista é possível!

Foruns de anos anteriores

FSM E A SAÍDA DA CRISE

A grande imprensa segue com sua campanha de que a crise econômica já passou, apoiando-se em uma pequena recuperação conjuntural, fruto dos ataques aos trabalhadores e da criminosa ajuda dos governos aos grandes empresários.

Mas, longe do que é pregado pela mídia burguesa, pelo imperialismo e por governos como o de Lula, essa melhora superficial da economia mundial prepara para um futuro próximo uma nova onda de crise e quebras de grandes empresas, além de mais ataques aos trabalhadores.

Em 2010, no Brasil, acontecem duas edições do Fórum Social Mundial (FSM). Em Porto Alegre, entre os dias 25 a 29 de janeiro, e em Salvador, entre os dias 29 a 31 de janeiro. O Fórum é uma oportunidade de avançarmos na discussão sobre qual alternativa que os trabalhadores e dos socialistas devem assumir diante de uma das maiores crises da economia capitalista da história.

Em ambos os eventos vemos a direção do Fórum apostando em uma saída para a crise do capitalismo a partir da parceria com as grandes empresas, os governos burgueses ditos "progressistas" e as ONGs com suas políticas assistencialistas.

Mas um outro mundo só será possível se rompermos com o capitalismo e lutarmos pelo socialismo. Esta luta, porém, não poderá ser travada em aliança com a burguesia, seus governos, empresas e instituições.

PSTU DEFENDE UMA SAÍDA SOCIALISTA PARA A CRISE

O PSTU participará dos dois eventos para defender e fortalecer uma alternativa verdadeiramente socialista e revolucionária diante de uma das maiores crises do capitalismo.

Portanto, faremos uma dura polêmica com a direção do Fórum que nos últimos anos atrelou cada vez mais o evento aos governos supostamente "progressistas" do continente, empresas e ONGs.

Estaremos no Fórum para defender outro caminho. O caminho da auto-organização dos trabalhadores e do conjunto dos explorados e oprimidos, contra a burguesia e seus governos, como única forma de derrotar o capitalismo e construir o socialismo.

Estaremos no FSM para desenvolver a campanha de solidariedade ao povo do Haiti, e chamado à retirada das tropas de ocupação. O partido vai apoiar as atividades organizadas pela Conlutas e pela Anel, as plenárias que discutirão a construção do Congresso de Unificação de junho de 2010 e as atividades de luta contra as opressões.

Por fim, estaremos no Fórum para ajudar a campanha de solidariedade aos trabalhadores haitianos realizada pela Conlutas e seus sindicatos, mas continuaremos a exigir o fim da ocupação militar do país e a retirada imediata das tropas brasileiras.

PSTU NO FÓRUM

PORTO ALEGRE

25/01
17h - **Marcha de abertura**

26/2
18h - **A Luta GLBT e a reorganização dos movimentos combativos, estudantes, trabalhadores e diversidade sexual.** GT GLBT da Conlutas. Local: Auditório do SINDIPPD.

27/1
14h - **Crises econômicas e revolução em perspectiva histórica.** Palestrante - Valério Arcary. Local: Auditório do SINDIPPD.

Dia 27/1
Plenária sobre a Reorganização do Movimento Sindical e Popular. Auditório do CPERS.

SALVADOR

28/01
9h - **Reunião da Coordenação Nacional da Conlutas.** Universidade Católica - Campus da Federação;
15h - **Ato de abertura.** Saída: Reitoria da UFBA, Campus Campo Grande.

29/01
14h - **Mesa: Trotsky e o Brasil.** Presença de Valério Arcary. Universidade Católica - Campus Federação;
17h - **Ato em solidariedade ao povo haitiano e pela retirada das tropas brasileiras e da ONU!** Local a definir.

30/01:
9h - **Plenária Nacional da Reorganização.** Universidade Católica - Campus Federação;
9h - **Mesa: Balanço e perspectivas do Socialismo.** Presença de Valério Arcary. No Sindicato dos Bancários.
15h - **Plenária Nacional da Anel.** Local: Ucsal.
Debate contra a opressão das mulheres. Organizado pelo Movimento Mulheres em Luta. Local e hora a definir.

31/01
9h - **Debate de Solidariedade ao povo haitiano e pela retirada das tropas de ocupação.** Local a definir.
Marcha encerramento. Saída: Campo Grande. Hora a definir.

SALVADOR: CAPITAL NEGRA TAMBÉM TEM RACISMO

SALVADOR RECEBE pela primeira vez uma edição do Fórum Social Mundial (FSM). A imagem da capital baiana é de uma cidade conhecida mundialmente por sua magia, encanto e belas praias. Contudo, essa imagem encontra-se bem distante da realidade. Cada vez mais Salvador sofre com a violência e a criminalidade, produto da enorme pobreza. A resposta é uma brutal repressão policial comparável a do Rio de Janeiro. O mito da "harmonia racial" é coisa para turista ver.

***ANA VERA BARROS**, da Secretaria de Negros e Negras do PSTU-BA*

Salvador enfrenta racismo e violência policial

Vivemos em uma cidade onde mais de 80% da população é composta de afrodescendentes. Mesmo constituindo a maior parcela da população de Salvador, negros e negras continuam acumulando os piores índices de analfabetismo, saúde, moradia, educação e emprego.

No mercado de trabalho a desigualdade é enorme. Os negros ainda são os que ocupam os piores cargos, recebendo os menores salários, isto quando não estão desempregados. Os dados da pesquisa, "Os negros no mercado de trabalho", realizada pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sociais e Econômicos (Dieese), governo do Estado da Bahia, Fundação Seade e Universidade Federal da Bahia, revelaram que a desigualdade racial no mercado de trabalho nos últimos cincos anos permaneceu praticamente a mesma na Região Metropolitana de Salvador. Enquanto um negro recebe R$ 4,75 por hora trabalhada, o não-negro ganha R$ 9,63.

Quando se trata da desigualdade de gênero, os dados são ainda mais alarmantes. Uma em cada quatro – 25,2% – mulheres negras está desempregada. No caso dos homens brancos, o índice é bem mais baixo – está em torno de 12%.

São os negros que, em grande maioria, estão fora dos bancos escolares. E os que conseguem completar a educação básica e chegam à universidade acabam se deparando com uma estrutura de ensino sucateada e que não favorece os mais desprivilegiados socialmente. Muitos estudantes negros que entram em uma universidade pelo sistema de cotas, mesmo obtendo um bom desempenho acadêmico, semelhante ou superior ao dos não negros, acabam desistindo, pois não têm condições de se manterem.

VIOLÊNCIA E REPRESSÃO

A violência que aflige toda a população de Salvador é, ainda mais implacável contra a população negra. Pesquisas mostram que as vítimas preferenciais nos casos de violência são negras e negros. Os homicídios que aterrorizam nossa população atingem, majoritariamente, jovens negros com idade entre 18 e 24 anos.

Segundo o Mapa da Violência de 2008, houve um aumento de aproximadamente 82% nos homicídios da população jovem em Salvador no período entre 2002 e 2006. A eleição do governo petista de Jaques Wagner não mudou essa situação. Desde a posse de Wagner o número de assassinatos aumentou 80% apenas em Salvador e na Região Metropolitana. E a polícia continua a manter suas práticas violentas, que fizeram sua fama nos tempos de Antonio Carlos Magalhães.

Chacinas e execuções continuam um expediente comum da polícia e de grupos de extermínios, antes de grandes eventos como o carnaval. Conhecidas como "faxinaço", as operações são marcadas pela prisão em massa e execução de "suspeitos". Um dos casos mais emblemáticos foi o da execução de sete jovens em 2008, entre eles o artista circense Ricardo Matos dos Santos, que estava jogando bola.

A truculência policial atinge, sobretudo, jovens pobres e negros da capital. Vilma Reis, autora de uma pesquisa sobre as políticas de segurança pública em Salvador entre 1991 e 2001, relaciona a violência policial na importação do modelo de "tolerância zero" adotado em Nova York. Desde os anos 1990, o governo baiano passou a enviar quadros da polícia para serem treinados nos EUA sob a ótica de dar carta branca à repressão. "Não que esse negócio de 'tolerância zero' fosse algo novo, mas serviu para dar um nome, uma grife ao que a polícia já fazia", diz a socióloga.

A nova política de segurança pública adotada pelo governo federal (aplicada na Bahia por Wagner) aumenta ainda mais a violência. O PAC da Segurança é baseado no aumento da repressão policial, na criminalização da pobreza e dos movimentos sociais. Sob o pretexto de combater os "bandidos" e os "narcotraficantes", mortes, prisões, humilhações são uma triste rotina no cotidiano de milhões de trabalhadores. Dessa forma, foi declarada uma verdadeira "guerra" contra as populações mais carentes.

Por outro lado, os crimes de racismo são engavetados e ninguém é preso. Segundo dados do Ministério Público da Bahia, apenas 70% dos 40 casos mensais de racismo e intolerância religiosa são transformados em procedimento investigatório.

É mais do que comum vermos todos os dias um jovem negro preso sendo humilhado e desrespeitado por repórteres de programas sensacionalistas, crianças e adolescentes usando crack em alguma viela, jovens e adultos pedindo esmolas nas escadarias das igrejas espalhadas por toda cidade.

Contudo, o que não é comum para nós negros e negras é termos igualdade de direitos e oportunidades em relação aos não-negros. Numa sociedade tão complexa como a que vivemos, onde existe desigualdade de classe, os setores mais oprimidos são os que mais são explorados. E isso explica porque, apesar de Salvador ser a capital negra do Brasil, existir muito racismo também aqui.

O Fórum Social Mundial vai passar. Em seguida começará o carnaval e com ele novas cenas de segregação racial e social serão vistas. Quem pode pagar fica nos luxuosos camarotes ou blocos famosos, como o Camaleão. A exclusão racial é nítida: dentro das cordas, com seus abadás, meninos e meninas brancos. Do lado de fora, as pessoas que não podem pagar tem que se contentar em ser "pipoca" – folião independente. É aqui que estão os negros. Na "pipoca", cenas de porretadas dadas pelos policiais com seus cassetetes enormes, chamados na Bahia de "Fantas", se sucedem, ao som da banda Chiclete com Banana e Olodum. Isto é Salvador, sem magia nem encanto.

UM DUELO DE IGUAIS

DILMA E SERRA se esforçam em mostrar quem fará melhor o que já está sendo feito

***DIEGO CRUZ**, da redação*

No Brasil, o debate eleitoral começou bem adiantado. Lula se antecipou ao calendário ao lançar extra-oficialmente a candidatura da ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Roussef. Inexperiente em disputas eleitorais, a ministra teve que sofrer uma "repaginação" para se cacifar à disputa do Planalto, colando-se a Lula para gozar pelo menos parte de sua popularidade.

Já entre a oposição de direita, o governador de São Paulo José Serra (PSDB), animou-se com o resultado da recente eleição no Chile, onde o candidato tradicional da direita, o oposicionista Piñera, venceu mesmo com a aprovação de 80% da presidenta Michelle Bachelet. Serra, na prática já tinha adotado a postura de candidato e, a exemplo de Dilma, viajava o país posando para os fotógrafos segurando crianças no colo ou experimentando buchada de bode no Nordeste.

AS SEMELHANÇAS

O grande desafio, tanto para Dilma quanto para Serra, será o de demarcar as diferenças entre as duas candidaturas. O governo tenta consolidar a imagem de Dilma Roussef como a legítima sucessora do que seriam os "avanços" da era Lula. A ministra é apresentada como uma "desenvolvimentista", ou seja, uma defensora de um Estado forte, realizador de grandes investimentos e protetora da indústria nacional, o que teria sido a marca do governo Lula.

Já José Serra, embora apareça na frente nas pesquisas, terá um trabalho mais penoso. Como o PT se apropriou da política econômica levada a cabo por FHC em seus dois mandatos, o que apresentar de diferente? Sem novas propostas, o discurso do governador tucano deverá se pautar no "administrador competente" e "ético", dizendo que o mérito de Lula foi justamente a continuidade do período FHC. Ou seja, Serra vai dizer que fará a mesma coisa que Dilma, só que melhor.

FATOS E DISCURSOS

Os dois discursos, porém, embora deixem clara a semelhança entre as duas candidaturas, partem de mistificações e tentam esconder o essencial. O governo FHC era neoliberal. O governo Lula é neoliberal. Um futuro governo Dilma ou Serra, será também neoliberal.

> **Estudo mostra que não houve mudanças nos indicadores sociais entre os governos FHC e Lula**

Sobre o caráter do governo FHC não há grandes polêmicas. O tucano foi o responsável por grande parte das privatizações nos anos 90, prosseguiu na abertura indiscriminada do país ao mercado internacional, fez sua reforma da Previdência e, durante seu governo, viu as taxas de desemprego explodirem. Foram os anos da flexibilização e precarização do mercado de trabalho.

Teve em seu governo a ajuda inestimável do então senador José Serra, que ocupou o ministério do Planejamento (entre 1995 e 1996) e o da Saúde (entre 1998 e 2002). Segundo declaração do próprio FHC, Serra foi um dos principais defensores da privatização da Vale do Rio Doce. Ao mesmo tempo, denúncias da compra de votos para a aprovação da reeleição e a corrupção nas privatizações minaram qualquer aparência "ética" que seu governo pudesse manter. O que, aliás, possibilitou a defesa da "ética na política" do PT.

AS DIFERENÇAS

O governo Lula, porém, não foi mera continuidade dos anos de FHC. Lula não é FHC, e a chegada ao poder de um histórico líder operário aumentou também muitas ilusões. Tal identificação foi fundamental para a política de ataques que o governo implementaria.

Assim que assumiu, em 2003, Lula de cara impôs uma reforma da Previdência no setor público. Nos três primeiros anos do mandato petista, manteve a política econômica do governo anterior, o que levou o país a um crescimento econômico medíocre, inferior à média dos países da América Latina. Em 2005, o escândalo do mensalão balançou o seu governo, colocando definitivamente o PT na vala comum dos demais partidos de direita.

A conjuntura internacional, de crescimento econômico acelerado, porém, aliado à condição do país de grande exportador de commodities (como aço, soja, carne, etc), permitiu ao Brasil manter taxas de crescimento relativamente mais elevadas nos últimos anos, apesar da política econômica. Coisa que, é bom que se diga, não significou de forma alguma uma melhora de vida da classe trabalhadora.

A grave crise econômica internacional no final de 2008, no entanto, expôs de forma dramática esse crescimento dependente, provocando de forma imediata uma onda de demissões no país. Posteriormente, o governo conseguiu segurar a economia através de pesados subsídios a banqueiros e empresários. A tão propalada recuperação, porém, vem perdendo fôlego e é possível que o próximo governo seja apanhado em cheio por uma crise.

LULA NÃO FOI MELHOR

Se a imagem e o discurso de Lula, assim como a conjuntura externa eram bem diferentes, a política econômica mantinha-se a mesma e, em alguns aspectos, até pior que FHC. Recentemente a ONG Contas Abertas divulgou um estudo no qual compara os níveis de investimentos realizados pelo governo FHC e o governo Lula, comparando os sete primeiros anos de cada um. Enquanto o governo FHC investiu R$ 149,9 bilhões, Lula investiu apenas R$ 127,1 bilhões, R$ 23 bilhões a menos.

> **Falsa polarização torna ainda mais necessária uma alternativa eleitoral dos trabalhadores**

Esse fato mostra que a imagem de um Estado mais atuante no governo Lula não passa de mistificação alardeada pelo próprio governo e boa parte da imprensa.

Já outro estudo, esse do economista Cláudio Salm, da UFRJ, mostra que os indicadores sociais não tiveram mudanças significativas entre os governos FHC e Lula. Aspectos como o número de domicílios com esgoto e água encanada, continuaram a ter uma tímida melhora, enquanto que serviços públicos como educação e saúde, continuaram piorando.

"Do ponto de vista da política econômica, já sabemos que não houve qualquer ruptura, como o próprio Lula havia anunciado que já não haveria, em 2002, na famosa Carta aos Brasileiros", disse Salm, em entrevista ao jornal *Folha de S. Paulo*.

Já no caso de Serra, o seu governo em São Paulo pode servir como bom parâmetro para indicar como atuaria o tucano no Planalto. A gestão tucana deixou setores como Saúde e Educação em frangalhos, num mandato marcado pelo autoritarismo, como no caso dos decretos que minavam a autonomia da USP, derrotados pela mobilização dos estudantes.

O QUE ESTÁ EM JOGO?

Esse é o espólio disputado por Dilma e Serra. Definir quem continuará a obra de Lula e FHC. Por isso mesmo, o confronto entre essas candidaturas majoritárias não trará nenhum grande debate. Não se questionará o pagamento da dívida pública, a ajuda bilionária a grandes bancos e empresas, a ausência de reforma agrária e qualquer tema que possa comprometer um regime voltado aos interesses do grande capital.

A falsa polarização torna ainda mais necessária uma alternativa eleitoral dos trabalhadores, que apresente uma saída anti-capitalista aos atuais problemas que insistem em esconder. Alternativa que, por hoje, se expressa na pré-candidatura de Zé Maria, do PSTU.

MAIS UMA VEZ, O CHAMADO A UMA FRENTE CLASSISTA E SOCIALISTA

EDUARDO ALMEIDA,
da Direção Nacional do PSTU

Faixa da frente classista nas eleições de 2006

O debate sobre a tática eleitoral do PSOL tomou novos rumos, apontando para uma candidatura própria.

A opção pelo apoio à Marina Silva (PV) era uma proposta das direções do MES, MTL e APS, correntes majoritárias do PSOL. A direção do PSOL votou uma resolução com uma proposta programática ultra-rebaixada para tentar o acordo com o PV. Mas existia uma grande resistência das bases a essa posição.

Além disso, o próprio PV ajudou a detonar a possibilidade da coalizão. Nem a sua ala governista, comandada por Zequinha Sarney, nem a ala pró-PSDB dirigida por Fernando Gabeira, estavam dispostas a quaisquer concessões para conseguir essa aliança. Só Marina, na verdade, estava empenhada na coligação. Mas ela não dirige o partido.

A pá de cal nas negociações veio com a aliança PV-PSDB no Rio para a candidatura de Gabeira ao governo do estado. Isso levou até o MES, uma das correntes mais a direita do PSOL, a recuar.

Assim, a combinação entre a resistência das bases do PSOL e a postura da direção do PV, está levando este partido a abandonar a idéia do apoio à Marina Silva. Isso é muito positivo.

COMO AVANÇAR PARA UMA FRENTE CLASSISTA E SOCIALISTA

Desde o ano passado o PSTU vem insistindo no chamado ao PSOL para uma discussão programática com o objetivo de construir uma frente classista e socialista. No entanto, a maioria da direção do PSOL preferiu iniciar as negociações com o PV, que agora se inviabilizaram. Está aberto novamente o debate sobre a construção de um programa e de candidato para as eleições de 2010.

Hoje se discutem no PSOL candidaturas das correntes majoritárias como Martiniano Cavalcante (MTL) e Toninho (APS), e da esquerda como Babá e Plínio de Arruda Sampaio. Essa é uma nova realidade. Mas é preciso avançar na discussão do programa e da independência de classe.

O primeiro critério para garantir a frente é programático. Queremos contrapor o programa do governo e da oposição de direita com uma alternativa socialista. Isso inclui a ruptura com o imperialismo, o não pagamento da dívida pública, a expropriação dos bancos e das multinacionais, a reestatização das empresas privatizadas e uma reforma agrária radical.

Esse programa é claramente diferenciado do defendido pela APS e pelo MES, correntes majoritárias do PSOL, que param em um programa "antineoliberal" com a auditoria da dívida externa.

A esquerda do PSOL precisa responder com clareza a essa questão. Está em discussão neste momento não só quem será o candidato, mas qual será seu programa. Plinio, por exemplo, tem uma enorme importância nesse debate, e não pode se adaptar ao programa das correntes majoritárias. Para nós foi preocupante uma entrevista à Rede Vida (da Igreja), em que ele deu a seguinte resposta sobre o papel do PSOL nas eleições de 2010:

"Na realidade, na superficie, as coisas não estão mal. As coisas estão caminhando. Vinte milhões de pessoas melhoraram objetivamente seu padrão de vida. É indiscutível que o Brasil está sendo considerado lá fora com muito mais atenção. É indiscutível que a inflação também não cresce demais. Essas coisas são muito boas. Mas por baixo existem tendencias extremamente perigosas que estão crescendo. A tarefa do PSOL é exatamente mostrar o seguinte: muito bem, gente, o que é positivo tem que ser reconhecido e apoiado, mas o que está por baixo tem que vir à luz."

Com todo o respeito que merece a figura de Plinio, não nos parece que uma frente de esquerda deveria "reconhecer e apoiar o que é positivo no governo Lula". Não vemos nada de positivo nesse governo. Por exemplo, a "atenção" que o governo Lula conseguiu internacionalmente, que Plínio considera "positivo", para nós é só a expressão de uma subordinação lamentável ao imperialismo, o que inclui a ocupação militar do Haiti e a aplicação do plano neoliberal. As pequenas migalhas que os trabalhadores conseguiram são produto do crescimento conjuntural capitalista. O que significa considerar isso como "positivo", que tem de ser "reconhecido e apoiado"?

A nosso ver, essa deveria ser exatamente uma das diferenças de Plínio com as correntes majoritárias do PSOL: um discurso claro e socialista contra o governo e a oposição de direita.

UMA CLARA OPÇÃO CLASSISTA

Em segundo lugar, é preciso ter um critério de classe. Isso inclui rejeitar com clareza os acordos feitos pelas correntes majoritárias do PSOL com partidos burgueses. O MES fez uma aliança com o PV em Porto Alegre, e a APS com o PSB da familia Capiberibe no Amapá. Além disso, o MES aceitou dinheiro da Gerdau, uma grande empresa. Esse fato foi ignorado no último congresso do PSOL.

É impossível uma frente defender a independência dos trabalhadores em relação à burguesia e ao mesmo tempo conviver com alianças com partidos burgueses. Tampouco é possível ser classista sem a rejeição explícita a acordos financeiros com a burguesia.

O PSOL, mais uma vez, tem a palavra. A conferência do PSOL de março vai claramente apontar um caráter classista, ou vai "esquecer" as alianças regionais com o PV e PSB, e deixar de debater e rejeitar o episódio Gerdau?

O PSOL VAI APOIAR O CANDIDATO QUE SERÁ VOTADO EM MARÇO?

Essa não é uma pergunta menor. A presidenta e principal figura pública do PSOL, Heloísa Helena, acaba de dar uma entrevista a uma radio gaúcha em que reitera sua preferência por Marina Silva ("digna, competente, que será uma grande presidente da república") e diz ter a certeza que "qualquer grupamento do PSOL saberá respeitar minhas convicções por Marina", "por defender um desenvolvimento econômico sustentável".

Isso significa em bom português que Heloísa seguirá apoiando Marina, independente da candidatura que seja votada na conferência.

Nós do PSTU defendemos que a candidata da frente classista e socialista deveria ser Heloísa Helena. O PSOL está cometendo um grave erro ao se adaptar à vontade de Heloísa ser senadora, abdicando da única candidatura que poderia ter uma base de massas, ainda que minoritária. Agora, pode ser que o PSOL cometa outro erro, aceitando que Heloísa apóie outra candidatura.

Isso enfraqueceria enormemente a candidatura do PSOL e a própria frente. Seria uma contradição importante que outros partidos de esquerda apoiassem a candidatura do PSOL, quando nem o PSOL como um todo o faz.

Isso exige que a conferência de março, com clareza, exija que o partido aplique a resolução votada por todos.

O CARÁTER DA PRÉ-CANDIDATURA DE ZÉ MARIA

Lançamos em todo o país a pré-candidatura de Zé Maria à presidência da República. Atos representativos da vanguarda das lutas respaldaram os lançamentos. Mas desde o início, manifestamos que a pré-candidatura não era uma via de mão única. Mantivemos em todos os atos o chamado a uma frente classista e socialista.

Agora, reiteramos o chamado ao PSOL, e em particular à sua esquerda, que busque concretizar na conferência de março um programa socialista e um critério classista que viabilize a formação de uma frente, que seria tão importante para apresentar uma alternativa perante a falsa polarização governo-oposição de direita.

O CHAMADO DE HUGO CHÁVEZ POR UMA V INTERNACIONAL

FLOR NEVES, *da Frente de Esquerda Revolucionária (Portugal)**

Nos dias 19 e 20 de novembro de 2009, realizou-se na Venezuela o Encontro Internacional de Partidos de Esquerda, convocado por Hugo Chávez e pelo Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV). O evento reuniu organizações de diversos continentes.

No centro do encontro, estiveram os debates sobre as bases militares dos Estados Unidos na Colômbia, o golpe em Honduras, bem como a construção do socialismo do século XXI, que se traduziram numa plataforma comum, o Compromisso de Caracas.

No final, Chávez fez publicamente um chamado à construção de uma V Internacional. Foi decidido criar um grupo de trabalho para preparar o evento constitutivo de fundação da nova Internacional em abril de 2010, sendo que os diversos partidos presentes poderão ou não vir a fazer parte dessa plataforma.

A IMPORTÂNCIA DA CONSTRUÇÃO DE UMA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL

Em primeiro lugar, não podemos deixar de dizer que a proposta de Chávez trouxe à tona novamente a discussão sobre a necessidade de uma organização internacional. A proposta de uma V Internacional apóia-se numa percepção cada vez maior dos trabalhadores e dos povos em nível mundial de que os ataques que sofrem diariamente têm um caráter global, do qual as grandes empresas multinacionais, espalhadas pelo mundo, são a maior expressão. Surge, então, a necessidade de alguma unidade, também ela internacional, que dê uma resposta a esses ataques.

É também interessante que Chávez faz este chamado reivindicando aparentemente a herança das Internacionais anteriores e daqueles que foram os seus principais fundadores e figuras, como Marx, Engels, Lênin, Rosa Luxemburgo e Trotsky.

A proposta de uma V Internacional feita por Chávez vem no sentido de uma organização que coordene e articule a luta contra as ameaças imperialistas e militaristas. Em nossa opinião, os promotores da iniciativa da V Internacional, apesar dos seus choques com algumas políticas imperialistas, não são antiimperialistas de forma consequente. Mesmo que o fossem, continuariam usurpando o nome da Internacional em prol de um projeto com signo de classe oposto do que é a herança das I, II, III e IV Internacionais.

A história das Internacionais é a da luta pela emancipação da classe operária, da luta pela independência da classe operária diante da burguesia, de seus organismos e instituições. Cada uma delas representou um estágio diferente de maturidade do movimento operário e de sua organização (*quadro ao lado*).

'A LIBERTAÇÃO DOS TRABALHADORES SERÁ OBRA DOS PRÓPRIOS TRABALHADORES'

Apesar das diferenças entre as Internacionais, há um aspecto fundamental que as une: a batalha constante pela independência política e organizativa da classe operária. Por isso, desde a I Internacional o lema foi: *"a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores"*. Da mesma forma, o Manifesto Comunista, escrito por Marx e Engels, fundadores da I Internacional, afirmava que a história da humanidade era a da luta de classes.

A luta das Internacionais pelo socialismo está diretamente relacionada a este projeto de independência da classe operária, com o objetivo último da tomada do poder pelo proletariado, concretizada na destruição do sistema capitalista e o Estado burguês que o sustenta e na construção de um Estado operário. Por isso, como referia o Manifesto Comunista: *"[Os Comunistas] proclamam abertamente que seus objetivos só podem ser alcançados pela derrubada violenta de toda a ordem social existente. Que as classes dominantes tremam à idéia de uma revolução comunista! Os proletários nada têm a perder nela a não ser suas cadeias. Têm um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, uni-vos!"*.

Encontro Internacional de Partidos de Esquerda, realizado na Venezuela

A V Internacional é um projeto que usurpa a herança das Internacionais para juntar burgueses e operários numa mesma organização

Para as Internacionais o socialismo era o fim da exploração capitalista e das instituições que a sustentam, como os governos burgueses do mundo inteiro e suas forças armadas, pois apenas abolindo a exploração é possível alcançar uma sociedade mais justa.

A PROPOSTA DE CHÁVEZ

Chávez quer uma V Internacional baseada em partidos e governos burgueses. Ao fazer a proposta, Chávez se reivindica como parte de uma tradição de luta da classe operária, em oposição à burguesia e seus governos, pela destruição do capitalismo e pela construção do socialismo. Seu chamado, porém, não está apoiado em partidos de tradição operária. Ao contrário, Chávez, o PSUV, os dirigentes e partidos aliados têm uma natureza de classe oposta à das Internacionais operárias e socialistas, sendo elementos alheios à classe operária.

Em primeiro lugar, Chávez é o presidente do governo burguês da Venezuela, onde até hoje não acabou a exploração e, segundo ele próprio, ainda não foi destruído o Estado burguês – depois de quase dez anos de governo. Na direção do PSUV encontramos vários milionários que, embora se apresentem como socialistas, enriquecem à custa da exploração dos trabalhadores venezuelanos. Além disso, Chávez é o chefe supremo das Forças Armadas venezuelanas, que são, por excelência, a força de sustentação do Estado burguês e de repressão da classe operária.

Mas o caráter de classe da V Internacional fica ainda mais claro diante de alguns dos partidos a quem Chávez convida para a nova organização.

Um dos convidados para integrar uma V Internacional foi o Partido Comunista Chinês. Este partido foi responsável pela restauração do capitalismo na China, um dos países com mais baixos salários e mais alto nível de exploração no mundo. Isso tem levado multinacionais a transferir a sua produção para a China em busca de maiores taxas de lucro. O PC chinês governa o país com uma ditadura sanguinária que assegura, através do medo e repressão, os altos lucros das burguesias chinesa e imperialista. É, portanto, à custa do suor dos trabalhadores chineses, que existem hoje multimilionários nas fileiras daquele que se chama Partido Comunista, mas que nada tem de comunista.

Um segundo exemplo do caráter burguês dos aliados a quem Chávez propõe construir a V Internacional é o PRI (Partido Revolucionário Institucional). Este partido governou o México durante 60 anos, com um forte regime bonapartista, e é o grande responsável pelos planos neoliberais e a entrega do país ao imperialismo, através do acordo do Nafta.

Também presente no Encontro e convidado a participar da V Internacional o Partido Justicialista da Argentina (peronista), que desde os anos 40, governou por vários mandatos o país, sendo até hoje um pilar fundamental de sustentação do Estado burguês e de manutenção da exploração dos trabalhadores. Entre os seus dirigentes mais recentes, encontramos Carlos Menem, responsável pela entrada com força do neoliberalismo na Argentina.

Os diversos partidos a quem se dirige o chamado à V Internacional de Chávez são, assim, na sua maioria, partidos burgueses, embora tenham importantes apoios na classe operária e na população pobre. Outros são partidos operários burocrá-

ticos e degenerados, que já não representam a classe operária e dirigem governos burgueses contra os trabalhadores.

USURPAÇÃO DA HISTÓRIA A SERVIÇO DA CONCILIAÇÃO DE CLASSES

O que tem em comum a proposta da V Internacional de Chávez com a tradição da III ou da IV de Lênin ou Trotsky (de que Chávez se acha parte)? O que tem em comum com a Revolução Russa que destruiu o Estado burguês e o seu exército, expropriou a burguesia e acabou com a exploração, construiu um exército revolucionário, apoiado no melhor da vanguarda operária organizada em sovietes? Em nossa opinião, não tem nada em comum. Chávez usurpa a herança das Internacionais anteriores, quando faz o chamado por uma V Internacional.

Em primeiro lugar, porque ela não é uma Internacional operária, pois pretende juntar partidos burgueses e partidos operários, governos burgueses e movimentos de trabalhadores. Governos e partidos burgueses com enfrentamentos (maiores ou menores) com o imperialismo existiram vários na história - Perón na Argentina, Cárdenas no México ou Getúlio Vargas no Brasil. No entanto, qualquer organização internacional que se formasse a partir desses governos seria uma frente da burguesia e não uma Internacional operária.

Nenhuma das Internacionais operárias se fundou ou foi composta a partir de governos burgueses, exatamente porque com ou sem choques com o imperialismo, estes partidos e governos são de natureza oposta à das Internacionais: são burgueses e não operários.

Uma Internacional será operária ou será o oposto das Internacionais. Qualquer proposta de organização internacional que se proponha a juntar a burguesia e a classe trabalhadora não será mais que um retrocesso de décadas na história do movimento operário, como um instrumento para travar as lutas dos trabalhadores subjugando-as às respectivas burguesias.

A proposta de Chávez de uma V Internacional também não é a de uma Internacional socialista e revolucionária. O socialismo, na tradição das Internacionais e no marxismo, não é um simples enfrentamento com algumas políticas do imperialismo e a adoção de políticas assistencialistas. O socialismo é um projeto de destruição do Estado burguês (e de suas forças armadas) e de construção de um Estado operário, numa sociedade sem exploração onde, estrategicamente, se pretende abolir a propriedade privada dos meios de produção. Esse projeto não é possível junto com milionários e governos burgueses, mas apenas contra eles.

Esta usurpação da classe operária, que Chávez pretende fazer com uma V Internacional, já foi iniciado na própria Venezuela com o PSUV, que tem na sua direção "empresários socialistas" - representantes da burguesia bolivariana. A proposta de uma V Internacional é, assim, uma extensão internacional do projeto que, em nível nacional, se concretizou no PSUV: um partido burguês, embora com base operária, formado a partir do governo, centralizado burocraticamente a partir da figura do comandante-chefe Chávez.

> **A batalha que é preciso travar é a da reconstrução da IV Internacional, retomando a tradição da III**

A NECESSIDADE DE UMA INTERNACIONAL OPERÁRIA E REVOLUCIONÁRIA

Para nós, a questão que se coloca é qual Internacional precisamos construir. Propomo-nos a dar continuidade à Revolução de Outubro, que tinha no seu centro a classe operária e o povo organizado de forma independente em sovietes. Apesar dos grandes fatos e mudanças que existiram desde então, o que sem dúvida não mudou foi que, sem destruir o Estado burguês não haverá socialismo e liberdade para os povos.

É, por isso, que desde a época imperialista – de decadência capitalista, revoluções e contrarrevoluções –, o modelo de Internacional que consideramos que é preciso lutar é o da III Internacional da época de Lênin e Trotsky: uma Internacional operária e revolucionária.

Como a III, é preciso uma Internacional que seja um Partido Mundial da Revolução Socialista, porque o socialismo só poderá ser vitorioso se for mundial. Uma Internacional composta por importantes partidos operários, centralizada democraticamente (e não dirigido burocraticamente por um comandante).

A III Internacional como instrumento para a revolução socialista mundial foi destruída por Stálin, que abandonou o internacionalismo proletário e a independência de classe ao defender o socialismo em um só país e a colaboração com o imperialismo e as burguesias nacionais. Essa traição provocou a degeneração da III Internacional e, posteriormente , o seu fim.

Com a destruição da III Internacional por Stálin, a luta por manter vivo o internacionalismo proletário foi garantida pela IV Internacional, fundada por Trotsky, que acabou por representar a herança da Revolução Russa e da III Internacional.

Hoje, a batalha que é preciso travar é a da reconstrução da IV Internacional, que nada mais é do que retomar a tradição da III de luta pela construção do Partido Mundial da Revolução, agrupando os revolucionários de distintas tradições sobre a base de um acordo sólido e claro em torno a um programa marxista e revolucionário para o mundo atual.

* seção da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI)

SAIBA MAIS

Breve história das Internacionais

I Internacional

A I Internacional correspondeu ao nascimento do movimento operário mundial e à necessidade objetiva da classe operária de agrupar-se numa organização mundial própria, que impulsionasse e apoiasse as lutas de forma mais organizada, consciente e independente da burguesia. Apesar de corresponder ainda a um momento inicial de organização do proletariado e de não funcionar ainda como um verdadeiro partido internacional, o seu grande mérito foi ter mostrado que era possível e frutífera a unidade internacional dos trabalhadores, tendo feito penetrar o internacionalismo no seio da classe. Além do apoio a diversas greves e lutas operárias, a I internacional apoiou a Comuna de Paris, a primeira experiência de poder autônomo da classe operária.

II Internacional

A II Internacional foi marcada pela organização da classe operária. Foi nela que se integraram amplas massas de trabalhadores em vários países que, organizando-se em sindicatos e partidos políticos, fizeram a sua aprendizagem política e sindical. Os partidos operários socialistas e marxistas, pela primeira vez, ganham peso de massas. A II Internacional morre como organização revolucionária quando a maioria dos seus dirigentes apoia as respectivas burguesias de seus países na Primeira Guerra Mundial, fazendo predominar a unidade nacional (policlassista) frente ao internacionalismo proletário.

III Internacional

A III Internacional nasceu como reação à traição da II Internacional e à necessidade da luta pelo poder do proletariado face à decadência do capitalismo e sua burguesia na época imperialista. A III Internacional apoiava-se no grande triunfo da Revolução Russa onde, pela primeira vez na história, a classe operária tomou o poder e construiu o seu Estado.

A III foi a primeira tentativa de construir uma verdadeira direção revolucionária mundial, que pudesse dirigir a revolução socialista internacional, que destruísse o imperialismo e conduzisse a classe operária ao poder em todos os países. Significou, por isso, um salto qualitativo ao constituir-se como o primeiro Partido Revolucionário Mundial, superando a frente de organizações operárias da I Internacional ou a federação de partidos da II. A III Internacional burocratizou-se e degenerou-se, produto de duas grandes derrotas do proletariado mundial, que levaram a um retrocesso da revolução mundial: o triunfo do estalinismo, na URSS, e o do nazismo, na Alemanha.

IV Internacional

A IV Internacional surgiu como continuidade do projeto da III Internacional, de construir um Partido Mundial da Revolução, enquanto direção da classe operária mundial para a tomada do poder em nível internacional. Nesse sentido, esta tinha como objetivo resgatar a herança do marxismo e lutar contra esse novo fenômeno contrarrevolucionário no seio da classe operária: a burocracia estalinista.

FILME SOBRE LULA UNE GOVERNO, EMPRESÁRIOS E CENTRAIS SINDICAIS

FILME É MARCADO pela defesa do esforço individual e do pragmatismo, em lugar do confronto entre o capital e o trabalho

DIEGO CRUZ, *da redação*

Estreou no primeiro dia do ano o tão aguardado filme "Lula, o filho do Brasil", após meses de ampla campanha de publicidade e muita polêmica. Produzido para ser um marco na história do cinema nacional, o filme dirigido por Fábio Barreto vem conquistando resultados bem modestos nas bilheterias.

O debate, porém, vai muito além da qualidade do filme. Seria ou não uma propaganda eleitoral disfarçada, como afirma alguns? Ou seria tão somente uma adaptação da biografia do presidente, sem qualquer pretensão política, como defendem seus produtores?

CO-PRODUÇÃO

De acordo com informações fornecidas à imprensa pelos próprios produtores, a ideia do filme surgiu quando Luiz Carlos Barreto (produtor de, entre outros, "Dona Flor e Seus Maridos" e "O que é isso Companheiro?") conversava com o chefe do gabinete de Lula, Gilberto Carvalho. O assessor teria lhe apresentado um livro sobre a biografia do presidente, na verdade uma tese de doutorado de Denise Paraná, assessora de Lula nos tempos de sindicato.

A tese se resumia a um conjunto de entrevistas com amigos e familiares de Lula. Barreto, segundo ele próprio, logo viu a oportunidade de transpor a história para a telona. Para isso, mandou roteirizar o livro de Paraná, realizando alguns retoques, omitindo alguns fatos e enaltecendo outros. Para assumir a direção, colocou seu filho Fábio Barreto (O Quatrilho).

Informalmente, pode-se afirmar que o filme foi uma co-produção entre o Planalto e a produtora de Barreto. Do início ao fim, a obra teve a mão do governo. O diretor, antes mesmo de comprar os direitos do livro e executar o filme, pediu pessoalmente autorização a Lula. Iniciado o projeto, o roteiro final foi avalizado pelo presidente. O próprio irmão de Lula, frei Chico, acompanhou as filmagens. Ministros e o publicitário Duda Mendonça teriam ainda verificado a primeira versão do filme, dando sugestões para afinar o filme aos interesses do Planalto.

A captação de recursos foi um capítulo à parte. O produtor não solicitou qualquer subsídio oficial, como as leis de fomento à cultura. Não precisou, já que não foi difícil obter recursos junto a grandes empresas e multinacionais como a Volkswagen, Souza Cruz, Hyunday, além de empreiteiras como Camargo Corrêa, OAS, Odebrecht e grandes empresas como Oi, CPFL, Ambev e EBX, do bilionário Eike Batista. Grande parte delas tem negócios com o governo federal.

O INÍCIO DE UM MITO

"O Filho do Brasil" narra a trajetória do presidente, desde o nascimento, em 1948, até sua ascensão como líder sindical. Inicia mostrando as duras condições da família de Lula em meio à miséria do sertão. A mãe de Lula, dona Lindu, é apresentada como uma grande guerreira que, além de cuidar de seus muitos filhos, sofre a violência do marido alcoólatra e violento. Às belas imagens do sertão, soma-se a incrível interpretação de Glória Pires.

É ela quem guia a família rumo ao Sudeste. A migração, a bordo de um pau de arara, representa aqui todo o processo de acelerada urbanização vivida nesse período. Instalam-se, então, no porto de Santos, onde o pai de Lula os sustenta com as sobras de sua outra família. Logo, Lindu pega seus filhos e parte para a grande São Paulo, fugindo da violência do marido.

Acompanhamos então a adolescência de Lula até seu curso de torneiro mecânico no Senai e sua transformação em operário no ABC. O personagem, muito bem interpretado pelo ator Rui Ricardo Dias, é moldado por uma série de provações, da infância miserável, passando pela morte da primeira esposa grávida. Essa última tragédia teria impulsionado a vocação sindicalista do personagem para "manter a cabeça ocupada".

LULA PELEGO?

Um aspecto interessante do filme é mostrar como se dá esse processo de aproximação com a vida sindical. Lula entra na diretoria do sindicato ao lado dos pelegos ligados aos militares. Sempre conciliador, vai aos poucos se diferenciando dos antigos aliados, principalmente pela pressão da própria base, até ocupar a presidência. São emocionantes, assim, as cenas das grandes assembleias no estádio de Vila Euclides, quando Lula discursa e os operários repetem para que todos pudesse ouvir.

Reforça-se uma aura mítica de herói. Sua mãe, dona Lindu, aparece como sua grande mentora, passando ao filho lições como "nunca desistir, teimar sempre", ou "saber a hora de esperar". Assim, em 1980, por exemplo, quando os metalúrgicos faziam greve e a ditadura interveio no sindicato, as palavras de Lindu ecoavam na mente de Lula antes dele propor o fim da paralisação, aos gritos de "pelego" e "traidor".

Não é coincidência que o filme termine com Lula preso no Dops, para depois mostrar a imagem dele desfilando por Brasília com a faixa presidencial no peito. A moral do filme é a exaltação do esforço individual de Lula. A personagem de Glória Pires é utilizada para ressaltar isso. Por isso, a versão de que se trata, na verdade, de um filme sobre a mãe de Lula, é balela.

Por isso também que a história não retrata os anos que vieram após o período de ascensão operária. Os anos de adaptação do PT até as eleições de 2002, cuja campanha fora financiada por grandes bancos e empresas, aqueles mesmos que, nos anos 70, ele lutava contra. Fábio Barreto afirmou que seu objetivo era mostrar Lula como se dissesse: "Eu sou igual a você, eu estou aqui porque teimei muito. Não fiquem aí reclamando da vida".

O filme de fato é "chapa-branca". Isso, porém, não parece ser o mais importante. O mais grave é o contexto em que aparece.

BATALHA IDEOLÓGICA

Durante a ditadura do Estado Novo, Getúlio Vargas mantinha o chamado DIP, o Departamento de Imprensa e Propaganda, para controlar e impor a censura aos meios de comunicação. Hoje, não temos mais o DIP. Além de todo o aparato do Estado, o conjunto da burguesia parece ter tomado em suas mãos a responsabilidade de legitimar o governo Lula e a sua política. É só prestar atenção aos vários anúncios publicitários, como o da GM, que enaltecem o Brasil e suas conquistas, bem ao clima de "pra frente Brasil", dos anos 1970.

O filme de Lula, nesse contexto, funciona para construir um amplo consenso em torno do presidente e sua política. Não é apenas Lula que é mitificado. É também a união entre empresários e trabalhadores. É a tática do pragmatismo sindical, em lugar do confronto entre capital e trabalho. Pensando nos dias de hoje, a política de isenções e subsídios aos bancos e empresas.

E para isso, além das grande empresas que financiaram o filme, entra a cena as grandes centrais sindicais, como CUT e Força Sindical, que entraram no esquema de publicidade e exibição do filme.